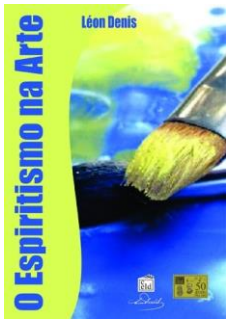
Léon Denis
O Espiritismo na Arte

Neste livro, que reúnem uma série de artigos publicados
em 1922 na Revue Spirite (Revista Fundada por Allan Kardec)

Título Original em Francês
Léon Denis - Le Spiritisme Dans l'art
Paris (1922)





Conteúdo resumido

Nesta obra, Léon Denis retrata o que ocorre na espiritualidade, no que se refere à arte, e como a beleza se manifesta através do artista encarnado na Terra.

A obra foi elaborada com base em uma série de artigos escritos por Léon Denis em 1922, para a *Revue Spirite* (revista espírita francesa fundada por Allan Kardec), na qual tratava da questão do belo na arte (arquitetura, pintura, escultura, música, literatura, etc.).

“O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos visível e invisível, as indicações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis de harmonia e de beleza que regem o Universo vêm oferecer aos nossos pensadores, aos nossos artistas, motivos inesgotáveis de inspiração.”

Léon Denis

*** * ***

Os sonhos dos poetas, as visões dos místicos, as criações do gênio, as comprovações e demonstrações da Ciência, as realizações mais perfeitas da Arte são apenas ecos muito débeis e percepções pequeninas que os homens, com melhores dotes, captam como em um relâmpago quando a matéria, dominada por poucos instantes, permite que a alma possa entrever alguns pálidos reflexos do mundo divino.

Léon Denis
(O Mundo Invisível e a Guerra)

Sumário

Parte I

» Conceitos de arte

» Espiritismo, fonte de inspiração

» Materialismo, esterilizador da arte 8

– Objetivo da arte – Objetivo da evolução

– Necessidade das vidas sucessivas – Apresentação de *o Esteta* 9

– O Espírito e sua parcela do poder criador

– Tipos de arquitetura existentes no espaço 11

– Arquitetura na Terra e no espaço

– A catedral terrestre e a catedral fluídica 13

Primeira lição de *o Esteta*

– A essência da arte, seus domínios

– Criação artística no plano espiritual 16

Segunda lição

– Composição virtual de obras artísticas

– A eclosão da inspiração 18

Parte II

» Arte: meio de elevação e renovação

» Arte: meio de aviltamento

» O pensamento de Deus

» Fonte das altas e sãs inspirações 21

– A inspiração e a evolução da arte e do pensamento 23

– Comportamento de outros espíritos diante de *o Esteta*..... 27

Terceira lição

– Inspiração: causa, efeitos, formas **–** A verdadeira arte 27

Quarta lição

– Inspiração nos tempos modernos

– Inspiração científica e inspiração idealista

– Inspiração, forma que concretiza a arte 30

Parte III
» Senso artístico: constituição e evolução 34
– Fusão do bem com o belo: objetivo sublime da criação 36
Quinta lição
– Projeção de quadros e formas esculturais no espaço 37
Sexta lição
– Diferenças entre arquitetura e pintura
– Inspiração na arte da pintura
– A formação das cores
– Duração das criações artísticas no espaço 39
Parte IV
» Literatura e oratória
» A língua francesa e a idéia espiritualista 42
– A França, sua missão – A alma céltica..... 44
– A oratória e o gesto – A inspiração dos grandes oradores .. 47
– Escritores e oradores, o verdadeiro mérito
– A influência da música 49
Sétima lição
– Ação do pensamento na literatura e na oratória 50
Oitava lição
– Transmissão da arte na Terra **–** Os dons inatos 54
Parte V
» Participação do mundo espiritual na obra humana
» Espiritismo, novo e vigoroso impulso ao pensamento 57
– As qualidades de um belo estilo..... 58
– Teatro, meio de educação intelectual e moral; sua decadência 59
– A poesia
– A música, seu papel na inspiração profética e religiosa 60
– Influência da música sobre todos os seres
– A canção e o povo – *O Esteta*, sua personalidade 62

Nona lição
– A música e a transmissão do pensamento artístico
– Perispírito, receptor das ondas musicais..... 63
Décima e última lição
– As sensações artísticas e os espíritos elevados
– Ação do foco divino
– Arte, meio de sentir a grandeza de Deus 66
Parte VI
» A Música (Parte 1)..... 71
– A música nas esferas superiores..... 71
– A percepção das harmonias do espaço
– Melodias ouvidas na hora da morte..... 72
– Poder e ação das vibrações sonoras..... 75
Parte VII
» A Música (Parte 2)..... 78
– A arte e a mediunidade – O poder terapêutico da arte musical 78
– Grandes compositores e a faculdade mediúnica
– A obra de Beethoven, de Berlioz e de Wagner..... 82
Parte VIII
» A Música (Parte 3)..... 85
– Apresentação das comunicações do Espírito Massenet..... 85
Primeira lição do Espírito Massenet
– O papel do perispírito
– Vida espiritual, instrumento e meios de percepção 86
– Comentário 87
Parte IX 89
Segunda lição
– Ser espiritual: meios de alcançar a esfera musical desejada 89
Terceira lição
– As vibrações sonoras nos espaços etéreos..... 91
– Comentários..... 92

Parte X 94

Quarta lição

– A música humana e as notas harmônicas

– A música celeste – Os sons e as cores 94

– Comentário 97

Parte XI 99

Quinta e última lição

– O espírito e as sensações harmônicas

– As fileiras ou correntes de ondas harmônicas

– A música terrestre e a música do espaço 99

Comentário Final 102

Apresentação

O Espiritismo na Arte, obra em que Léon Denis analisa a participação do mundo espiritual na criação artística e demonstra, com imenso critério, a importância do Espiritismo como mediador na obtenção de infinitos temas de inspiração, foi inicialmente, publicada pela *Revista Espírita* em formato de artigos.

Dividido em onze partes, aqui numeradas de I a XI, esse magnífico texto veio a público nas edições mensais de 1922, com exceção da do mês de junho.

Em seu trabalho, Léon Denis explica, detalhadamente, o mecanismo da inspiração, "procedimento de transmissão da luz divina", e o importante papel que ela tem desempenhado, em todos os tempos, na evolução das artes e do pensamento. Nele, o mestre também inclui e comenta dez comunicações do Espírito que se autodenomina *o Esteta* e outras cinco do Espírito Massenet; comunicações que são verdadeiras lições sobre o tema arte.

Com o seu estilo inconfundível, e irretocável em todos os sentidos, Léon Denis, além de nos enriquecer com seus esclarecimentos, permite que o acompanhemos pelos etéreos caminhos da criação artística, fazendo-nos pressentir todo o encanto, todo o enlevo que a verdadeira beleza proporciona aos que têm o privilégio da sua visão.

Aproveitemos a oportunidade que o "Apóstolo do Espiritismo" nos oferece, vamos caminhar ao seu lado por essas vias de acesso ao conhecimento da verdade que a bondade divina nos concede, com a certeza de que, ao final da caminhada, nos sentiremos mais conscientes, mais seguros e muito, muito mais felizes.

Albertina Escudeiro Sêco

Parte I

» Conceitos de arte
» Espiritismo, fonte de inspiração
» Materialismo, esterilizador da arte

(Janeiro de 1922)

A beleza é um dos atributos divinos. Deus pôs nos seres e nas coisas esse encanto misterioso que nos atrai, nos seduz, nos cativa e enche a alma de admiração, às vezes de entusiasmo.

A arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, apenas um reflexo. Para contemplá-la em todo o seu esplendor, em todo o seu poder, é preciso subir de grau em grau em direção à fonte de onde ela emana, e isso é uma tarefa difícil para a maioria entre nós. Pelo menos, podemos conhecê-la pelo espetáculo que o Universo oferece aos nossos sentidos e também pelas obras que ela inspira aos homens de gênio.

O Espiritismo vem abrir para a arte novas perspectivas, horizontes sem limites. A comunicação que ele estabelece entre os mundos visível e invisível, as indicações fornecidas sobre as condições da vida no Além, a revelação que ele nos traz das leis de harmonia e de beleza que regem o Universo vêm oferecer aos nossos pensadores, aos nossos artistas, motivos inesgotáveis de inspiração.

A observação dos fenômenos de aparições proporciona aos nossos pintores imagens da vida fluídica da qual James Tissot já pôde tirar proveito nas ilustrações da sua *Vida de Jesus*. Os oradores, os escritores, os poetas neles encontrarão uma fonte fecunda de idéias e de sentimentos. O conhecimento das vidas sucessivas do ser, sua ascensão dolorosa através dos séculos, o ensino dos espíritos sobre a questão grandiosa do destino,

lançaram, sobre toda a História, uma luz inesperada, e proporcionarão ainda aos romancistas, aos poetas, temas de drama, motivos de elevação, todo um conjunto de recursos intelectuais que ultrapassarão em riqueza tudo o que o pensamento pôde conhecer até aqui.

Quando refletimos em tudo quanto o Espiritismo traz para a humanidade, quando pensamos nos tesouros de consolação e de esperança, na mina inesgotável de arte e de beleza que ele vem lhe oferecer, nós nos sentimos cheios de piedade por esses homens ignorantes ou pérfidos, cujas críticas malévolas não têm outro objetivo senão desacreditar, ridicularizar e mesmo asfixiar a idéia nascente cujos benefícios já são tão sensíveis. Evidentemente, essa idéia, em sua aplicação, necessita um exame, um controle rigoroso; mas a beleza que emana dessa idéia se revela deslumbrante para todo pesquisador imparcial, para todo observador atento.

O materialismo, com o seu sopro dessecante, havia esterilizado a arte. Essa se arrastava no realismo degradante sem poder se elevar até os cumes da beleza ideal. O Espiritismo veio lhe dar um novo estímulo, um impulso mais vivo através das alturas onde ela encontra a fonte fecunda das inspirações e a sublimidade do talento.

– Objetivo da arte
– Objetivo da evolução
– Necessidade das vidas sucessivas
– Apresentação de *o Esteta*

Dissemos que o objetivo essencial da arte é a procura e a realização da beleza; é, ao mesmo tempo, a procura de Deus, pois que Deus é a fonte primeira e a realização perfeita da beleza física e moral.

Quanto mais a inteligência se apura, se aperfeiçoa e se eleva, mais se impregna da idéia do belo. O objetivo essencial da evolução, portanto, será a procura e a conquista da beleza, a fim de realizá-la no ser e nas suas obras. Tal é a norma da alma na sua ascensão infinita.

Nisso já se impõe a necessidade das vidas sucessivas como meio de adquirir, por esforços contínuos e graduados, um sentido sempre mais preciso do bem e do belo. Os inícios são modestos aqui na Terra, a alma se prepara primeiro nas tarefas humildes, obscuras, apagadas, depois, pouco a pouco, por novas etapas, o espírito adquire a dignidade de artista. Mais elevado ainda, ele se abrirá às concepções vastas e profundas, que são o privilégio do gênio, e se tornará capaz de realizar a lei suprema da beleza ideal.

Em nossa Terra, os artistas não se inspiram todos nesse ideal superior. A maior parte limita-se a imitar o que eles chamam "a natureza", sem perceber que ela não é mais que um dos aspectos da obra divina. No espaço, porém, a arte reveste formas ao mesmo tempo mais sutis e mais grandiosas e se ilumina com um reflexo divino.

Eis por que, neste estudo, tivemos que consultar principalmente os nossos espíritos-guias, recolher e resumir seus ensinamentos. No âmbito em que vivem, as fontes de inspiração são mais abundantes, o campo de ação se alarga; o pensamento, a vontade, o poder supremo se afirmam e irradiam com mais intensidade.

Nossos protetores invisíveis nos enviaram primeiro o Espírito Massenet[1], que veio nos ditar cinco lições sobre a música celeste, procedendo como o fazia sobre a Terra, nos seus cursos do Conservatório. Mas isso não podia ser suficiente para nós; precisávamos de dados mais gerais, de uma visão global sobre a forma como a arte é sentida e praticada no Além.

Observa-se muitas vezes, nas obras inspiradas por espíritos, principalmente nos livros anglo-saxões, a descrição de lugares, de monumentos, de moradas criadas com a ajuda de fluidos, pela vontade dos habitantes do espaço. Temos necessidade de esclarecimentos sobre esse assunto tão controverso e sobre o qual, até hoje, faltaram indicações preciosas.

De acordo com nossos pedidos reiterados, e a fim de nos ensinarem, os guias nos anunciaram uma entidade que se apresenta sob este nome: *o Esteta*, cuja personalidade verdadeira só nos será

revelada ao final deste estudo. Imediatamente tivemos a impressão de que nos encontrávamos em presença de um espírito de alto valor.

O fenômeno produziu-se sob a forma de incorporações. Desde o momento em que a entidade toma posse do médium em transe, os traços deste, que é um rapaz cego, tomam uma expressão de calma, de serenidade quase angélica e, que contrasta com a maneira de ser dos outros espíritos. A palavra é suave, penetrante, e, quando a sessão termina, os assistentes se encontram sob uma impressão de serena paz, de profunda quietude. O médium, ao despertar, ignora completamente o que foi dito por sua boca durante o transe e declara encontrar-se como mergulhado em um "banho de radiações". Ele experimenta uma sensação de bem-estar inexprimível.

O Esteta tomou a arquitetura como tema das duas primeiras lições estenografadas, que reproduzimos mais adiante. Escolheu como modelo a catedral, porque ela serve de moldura a todas as outras artes. Mais tarde ele nos falará de escultura, de pintura, de eloqüência e, por fim, o estudo da música e as lições de Massenet virão completar esta exposição.

– O Espírito e sua parcela do poder criador
– Tipos de arquitetura existentes no espaço

Lembramos aqui que todo espírito emanado de Deus não possui somente uma centelha da inteligência divina; ele desfruta, ainda, de uma parcela do poder criador, poder que ele é chamado a manifestar mais e mais no decorrer da sua evolução, tanto nas encarnações planetárias quanto na vida do espaço.

Na Terra, sob o véu da carne, essa inteligência e esse poder são diminuídos; no entanto, não é maravilhoso constatar até que ponto o talento do homem tem conseguido subjugar as forças brutais da matéria, vencer sua resistência, sua hostilidade, submetê-las às suas fantasias? O homem forja o ferro, funde o bronze e o vidro, esculpe

a pedra, ergue estátuas, constrói palácios e templos; o homem perfura montanhas e reúne os mares.

No espaço, porém, esse poder criador afirma-se tanto mais intensamente quanto mais sutil é a matéria fluídica e quanto mais o espírito tenha aprendido a combinar os elementos etéreos que são a própria substância do Universo. Lá, todas as dificuldades da obra terrestre desaparecem; basta uma ação mental firme para dar aos fluidos as formas que o espírito quer realizar e tornar duráveis.

Mesmo nesta vida, vemos, no sono hipnótico, a vontade do operador de dar aos objetos, às substâncias, propriedades temporárias que exercem sobre os médiuns influências incontestáveis.

Em um grau mais elevado, por exemplo nas materializações de espíritos, a vontade destes cria formas, rostos, vestimentas, atributos semelhantes àqueles que eles possuíam na Terra e que permitem reconhecê-los, identificá-los. Nesse caso, o pensamento, ajudado pela lembrança, reconstitui os detalhes da existência que lhes eram próprios: vestuário, armas. A vontade lhes dá a consistência necessária para impressionar os sentidos dos observadores. Não é conveniente procurar em outro lugar a explicação desses fenômenos que são conhecidos de todos os espíritas experientes. Nossos guias nos asseguram que no espaço encontramos as arquiteturas mais estranhas, mais variadas, pois elas ultrapassam, em grandiosidade e em beleza, todas as criações dos nossos sonhos. Temos, sobre esse ponto, os testemunhos mais precisos: Raymond, o filho de Oliver Lodge[2], construiu uma pequena casa de campo de acordo com seus gostos terrestres. Os Espíritos Mozart[3], Victorien Sardou[4] e outros construíram palácios ornados de plantas e de flores. Antigos arquitetos terrestres, dizem-nos, edificam santuários onde se celebram os ritos de tal ou tal culto. Os espíritos se comprazem em reconstituir meios semelhantes, porém superiores em beleza, àqueles que freqüentavam na Terra, e isso com muito mais facilidade,

porquanto eles podem dispor de materiais bem mais flexíveis e mais maleáveis.

Fica-se admirado com esses relatos, essas descrições, e muitos comentários são trocados a esse respeito. No entanto, tudo o que se passa nas sessões de experimentação – os fenômenos de transporte, de levitação, a penetração da matéria pela matéria, a dissociação e a reconstituição de objetos através das paredes – mostra-nos o poder dos espíritos sobre os fluidos e facilita a nossa compreensão do assunto. Certos sábios psiquistas confessam que eles mesmos não compreendem nada a esse respeito, e por aí mostram a sua falta de prática em matéria de Espiritismo, enquanto que simples adeptos estão bem informados sobre esses fatos.

– Arquitetura na Terra e no espaço
– A catedral terrestre e a catedral fluídica

Voltemos à arquitetura, que *o Esteta* tomou como objeto das suas primeiras lições. Aqui na Terra já é arte sublime à qual se prendem todas as outras artes e que muitas vezes lhes serve de proteção.

Assim como na Terra, a música representa a arte viva, a harmonia móvel e vibrante, a arquitetura representa a arte imóvel e passiva em suas formas imponentes e rígidas. Porém, enquanto que no âmago dos espaços o espírito modela, à sua vontade, a matéria fluídica e lhe dá as aparências, as cores, os contornos que lhe agradam, em nosso planeta a matéria opõe mais resistência à vontade do homem. O bloco[5] resiste ao cinzel do escultor como à ferramenta do maçom[6]. Às vezes, são necessários longos e pacientes esforços, um trabalho persistente para dar ao mármore, ao granito, a expressão da beleza.

As lições de *o Esteta* fazem ressaltar a diferença que existe entre os procedimentos em uso na Terra e os do espaço para realizar criações artísticas. Enquanto que na Terra a catedral, tomada como modelo da arquitetura, é a obra paciente de uma coletividade laboriosa, desde o humilde talhador de pedra até o grande artista

que traçou o plano do conjunto, ela é, no espaço, a obra particular de um mestre que, instantaneamente e a seu bel-prazer, pode edificá-la ou destruí-la, auxiliado somente por um grupo de alunos que procuram assimilar e imitar sua idéia criadora. Aqui na Terra, o monumento é a obra da multidão humana, o trabalho dos séculos. Gerações de artistas e de operários trabalharam para elevar colunas, telhados[7], torres, fundiram vitrais, pintaram imagens, esculpiram estátuas. Assim foram se constituindo, lentamente, a pirâmide, o palácio, a catedral, Eis por que, em sua majestosa unidade, simbolizam o pensamento de um povo, o gênio de uma raça, a alma de uma religião.

Foi a fé, foi o entusiasmo, foi um espiritualismo ardente que erigiu, em direção ao céu, essas "bíblias" de pedra. E, nessas obras colossais, o invisível tem o seu papel; ele pensa com o arquiteto, medita com o artista, trabalha com o artesão e o pedreiro. A todos ele inspira o pensamento de Deus e do Além, na medida em que eles podem compreendê-lo e interpretá-lo.

Assim são edificados esses "livros" imponentes que são as catedrais e que, durante séculos, foram suficientes para guiar, para instruir, para consolar o espírito humano.

A catedral terrestre serve de moldura a todas as artes. A música faz as suas imensas naves vibrarem, a pintura decora as suas paredes, a escultura a povoa de estátuas. No entanto, em seu conjunto, ela conserva a imobilidade fria e a opacidade do granito.

O papel fundamental da arte é exprimir a vida em toda a sua potência, em sua graça e em sua beleza. Ora, a vida é movimento. E nisso exatamente reside a principal dificuldade da arte humana, que apenas pela música pode reproduzir o movimento. O escultor, pela postura que dá à sua estátua, reproduz o movimento que o seu pensamento concebe e, na imobilidade, cria a ação. A pintura dá a mesma impressão por meio do gesto fixado na tela e pela harmonia das cores, o jogo das perspectivas, a simulação das profundidades e dos horizontes fugidios. Há mais força na estatuária, e mais artifício em um quadro; porém, os dois podem exprimir a beleza

ideal sob a forma de obras-primas que nos são conhecidas. No entanto, apesar da intenção genial que preside a sua execução, elas nos dão apenas a sensação incompleta.

Não ocorre o mesmo com as obras de arte do espaço: nele tudo é vida, movimento, cor, luz. A catedral fluídica será como que animada e viva. Suas colunas terão a flexibilidade, a elasticidade da matéria mais sutil; suas paredes serão transparentes como cristal, e mil cores fundidas, desconhecidas na Terra, nelas se divertirão em jogos de sombra e luz. Todas as harmonias ali se combinam em ondas de uma suavidade inexprimível; tudo vibra no frêmito de uma vida intensa e profunda.

Os artistas da Terra deverão se inspirar nesses modelos sobre-humanos que os ensinamentos espíritas lhes tornaram familiares. A educação estética humana comporta concepções cada vez mais elevadas para que o sentimento do belo penetre e se desenvolva em todas as almas. Já se produz uma evolução nesse sentido; ela se acentuará sob a influência do Além. Os artistas do futuro se interessarão em dar mais fluidez às cores, mais vida ao mármore, mais espiritualidade a todas as suas obras. As artes complementares se idealizarão inteiramente, deixando à arquitetura a majestade das formas rígidas e a ilusão do imutável na inércia.

A arte se realça e progride em todos os graus da escalada da vida, realizando formas cada vez mais nobres e perfeitas, e que se aproximam da fonte divina da eterna beleza.

Primeira lição de *o Esteta*

– A essência da arte, seus domínios
– Criação artística no plano espiritual

(15 de Novembro de 1921)

"Estou feliz por vos falar de uma arte que foi minha preocupação constante. Tendes cem vezes razão em defender a causa da arte e colocá-la em paralelo na Terra e no espaço. A arte é de essência divina, é uma manifestação do pensamento de Deus, uma radiação do cérebro e do coração de Deus transmitida sob a forma artística.

No entanto, muitas coisas do plano divino não podem ser transmitidas aos homens. A arte, sob forma de inspiração, faz parte desse todo maravilhoso que compõe o Universo. É o relâmpago, ou antes, é a centelha que estabelece a relação entre Deus e suas criaturas.

Vós podeis vos perguntar quais são os reflexos que guardamos da arte após haver passado séries de existências em diferentes mundos. Eu vou tentar vos dizer.

Em vossa Terra, a arte ainda é uma coisa pouco importante e vos contentais com isso. A arte existe em todos os domínios: no do pensamento, no da escultura, no da música. É neste último que ela se manifesta melhor e torna-se acessível a mais cérebros. Primeiro, quando o espírito humano encarna na Terra e que traz, seja da sua vida no espaço, seja em conseqüência de um trabalho anterior nas vidas terrestres, uma certa noção do ideal estético, quando chega à maturidade na sua vida terrestre, sua bagagem artística se exterioriza sob a forma de inspirações ligadas a uma qualidade mestra que nós chamaremos de o gosto junto ao sentido do belo. Eis aí, pois, o artista criado e pronto para trabalhar sobre a matéria.

Quando esse artista realizou uma vida de trabalho, ele retorna ao espaço. Lá se libertará do seu ser uma quantidade imensa de

pensamentos que ele deseja concretizar. Nesse meio fluídico, ele terá todos os materiais necessários para reconstituir o que seu pensamento aprisionado na carne não pôde realizar em uma só existência.

O espírito não possui órgão visual, mas o pensamento reúne todos os sentidos. Primeiro, ele recebe em sua memória as mais belas coisas que sensibilizaram seu cérebro na existência precedente. Se ele viveu em um meio elevado, graças às diretrizes adquiridas, os quadros que passarão em seu pensamento serão verdadeiramente inspirados pelo culto do belo. Portanto, nosso ser espiritual, em nome do seu trabalho, será, em pouco tempo, transferido a um meio fluídico suficientemente puro, livre de parcelas materiais, e de lá poderá receber, pela lembrança, o reflexo artístico de suas vidas anteriores. Por um simples querer, tudo se concretizará com a ajuda dos fluidos ambientes. Esse espírito era pintor? Seu pensamento refletirá os quadros dos mestres que ele conheceu e amou. Era escultor? As formas antigas ou clássicas, ou aquelas da sua época aparecerão sobre a tela do seu pensamento. Depois, com o tempo, outros espíritos, não-atraídos pela arte, mas desejosos de se elevarem em direção a um plano superior, se agruparão em torno dos seres que, por seu trabalho e seu adiantamento, planam em regiões fluídicas mais puras. Esses seres, que se aproximam do artista, receberão mais facilmente o pensamento deste último; por um trabalho prolongado, se estabelecerá uma fusão entre o espírito do profano e o espírito do artista. Pouco a pouco, o profano receberá em seu pensamento os quadros e as cenas artísticas do seu mestre espiritual e poderá, então, experimentar alegrias estéticas muito grandes e se tornar, ele mesmo, artista em uma futura existência, porquanto terá recebido os primeiros elementos da arte no contato com um ser mais avançado do que ele.

É assim que, geralmente, os meios artísticos se perpetuam da Terra ao espaço, do espaço à Terra, e nos outros mundos, visto que

existem aqueles em que os meios de criação artística são mais ricos do que em vosso globo.

Devo acrescentar que os espíritos, por trocas de pensamentos, podem criar formas com a ajuda da sucessão de cores que é infinita no espaço: quanto mais os planos são elevados, mais a sucessão de cores é desenvolvida.

Na atmosfera terrestre não podemos exteriorizar nosso pensamento de uma forma clara e precisa. É como se vós quisésseis projetar vosso pensamento sobre uma tela cinzenta em lugar de uma tela branca.

Às vezes os espíritos se reúnem, através de seus pensamentos, trocam formas, criam quadros variados. Se um espírito que viveu em um mundo superior se encontra no meio deles, ele faz seus irmãos menos privilegiados aproveitarem os recursos artísticos que ele pôde adquirir. O criador dessas cenas tem o poder de destruir imediatamente o que seu pensamento criou. Portanto, essas cenas são passageiras e pessoais ao espírito; mas aqueles que têm o desejo de se elevar podem aproveitar essa projeção artística, constituída pela combinação de moléculas fluídicas emanadas do meio ambiente."

Segunda lição

– Composição virtual de obras artísticas
– A eclosão da inspiração

(22 de Novembro de 1921)

"Após ter-vos dado a descrição das cenas artísticas que registramos no espaço, para vós será interessante saber como agrupamos os elementos dessas cenas para compor virtualmente esses quadros.

Tentarei vos fazer compreender como reunimos as moléculas necessárias para que a nossa vontade possa projetar os fluidos capazes de se transformarem em obras que simbolizem a beleza sob todas as formas. Essas obras serão sentidas e percebidas por outros seres fluídicos que não são criadores.

Os seres imateriais que flutuam nas regiões fluídicas, infinitamente ricas e sutis, só as alcançaram por uma longa e progressiva evolução pela qual adquiriram conhecimentos e aptidões suficientes para eles mesmos poderem *criar*, no mundo onde vivem, entre suas existências humanas.

Vejamos um exemplo. Um grande escultor, um grande pintor ou um grande artista parte da Terra. Ele ainda está sob a impressão dos trabalhos que executou durante sua existência anterior; chegado ao espaço, não estando mais o seu espírito limitado pela matéria, ele revê o caminho percorrido desde o dia em que recebeu a essência criadora divina e adquire a *certeza* de que poderá, nas novas existências, desenvolver e completar o que vós podeis chamar de *parcela genial*.

Ele vai ver, no espaço, desenrolarem-se todos os fatos proeminentes que presidiram a eclosão da sua inspiração.

Se ele era arquiteto ou escultor, imediatamente, de acordo com sua vontade, sua memória voltará a traçar os monumentos ou as obras de arte que ele criou.

Admitimos que ele plane nesse meio do qual acabamos de falar; após um apelo a Deus, seu pensamento encontrará, por suas radiações, fluidos suficientes para reconstituir todas as suas obras. Se elas têm um caráter verdadeiro de beleza, se a inspiração é pura, se o ideal é elevado, os outros seres que rodeiam o artista sentirão despertar em si mesmos um desejo de imitação e, pouco a pouco, o véu material sendo levantado, seu pensamento pessoal será fecundado pelo do artista.

Assim, um grande mestre-escultor fará reviver esses belos monumentos nos quais a glória do Altíssimo foi cantada durante séculos. Então, imensas catedrais serão reedificadas; mas o artista

não se limita sempre à obra que criou, sua visão à distância também reencontra as obras dos seus discípulos, e algumas vezes sua inspiração continua no espaço para formar de novo obras que tomam a diversos autores as partes mais bem-sucedidas de suas concepções. Se vós penetrásseis no espaço, no plano elevado a que me refiro, poderíeis perceber que monumentos, que não são semelhantes àqueles erigidos no vosso mundo, são reconstituídos pelo pensamento fluídico de seres inspirados por Deus.

O Criador supremo dá a cada um de seus filhos uma parcela animadora que se exterioriza quando o culto do belo e do ideal desperta neles. Vossos monumentos religiosos são as imagens vivas desse fato. Esses telhados arrojados, lançando-se em direção ao céu, não são uma imagem fiel do pensamento do ser humano elevando-se em uma prece derradeira a esse Deus que nos criou? Quer seja uma catedral ou um templo da Antigüidade, quer seja na Grécia, em Roma, em Florença ou em vosso país, procurai e sempre encontrareis a confirmação de que o pensamento superior preside a eclosão das obras arquitetônicas.

Faço uma pequena comparação, talvez me afastando do meu assunto: se considerardes a história da Arquitetura na Alemanha nestes tempos modernos[8], constatareis que a elevação em direção ao céu é ausente, que formas maciças e quadradas substituem a cúpula ou a ogiva; o pensamento estende-se sobre a Terra e não se eleva mais em direção ao divino.

Em pintura, estudai a escola florentina na época da Renascença; verificareis que quando as obras têm um cunho místico, os traços se divinizam e as cenas tomam características de real beleza e de verdadeira grandeza.

Ocorre o mesmo em todas as artes. A música sacra, por exemplo, tem um caráter que toca de mais perto o divino, enquanto que a música profana, quando se aproxima da matéria, reveste a característica de um realismo baixo e grosseiro.”

Parte II

» Arte: meio de elevação e renovação
» Arte: meio de aviltamento
» O pensamento de Deus
» Fonte das altas e sãs inspirações

(Fevereiro de 1922)

A arte, sob suas formas diversas, como dissemos no artigo anterior, é a expressão da beleza eterna, uma manifestação da poderosa harmonia que rege o Universo; é o raio de luz que vem do alto e que dissipa as brumas, as obscuridades da matéria, e nos faz entrever os planos da vida superior. A arte é, por si mesma, plena de ensinamentos, de revelações, de luz. Ela arrasta a alma em direção às regiões da vida espiritual, que é a verdadeira vida, e que a alma anseia tornar a encontrar um dia.

A arte bem compreendida é um poderoso meio de elevação e de renovação. É a fonte dos mais puros prazeres da alma; ela embeleza a vida, sustenta e consola na provação e traça para o espírito, antecipadamente, as rotas para o céu. Quando a arte é sustentada, inspirada por uma fé sincera, por um nobre ideal, é sempre uma fonte fecunda de instrução, um meio incomparável de civilização e de aperfeiçoamento.

Porém, em nossos dias, muito freqüentemente ela é aviltada, desviada do seu objetivo, escravizada por mesquinhas teorias de escola e, principalmente, considerada como um meio de chegar à fortuna, às honras terrestres. Emprega-se a arte para adular as más paixões, para superexcitar os sentidos, e assim faz-se da arte um meio de aviltamento.

Quase todos aqueles que receberam a sagrada missão de conduzir as almas para o alto se eximiram dessa tarefa. Eles se tornaram culpados de um crime, recusando-se a instruir e a

esclarecer as sociedades, perpetuando a desordem moral e todos os males que se precipitam sobre a humanidade. Esse comportamento explica a decadência da arte em nossa época e a ausência de obras importantes.

O pensamento de Deus é a fonte das altas e sãs inspirações. Se nossos artistas soubessem beber nessa fonte, nela encontrariam o segredo das obras imperecíveis e as maiores felicidades. O Espiritismo vem lhes oferecer os recursos espirituais de que nossa época tem necessidade para se regenerar. Ele nos faz compreender que a vida, em sua plenitude, é apenas a concepção e a realização da beleza eterna.

Viver é sempre subir, sempre crescer, sempre acrescentar em si o sentimento e a noção do belo.

As grandes obras só se elaboram no recolhimento e no silêncio, à custa de longas meditações e de uma comunhão mais ou menos consciente com o mundo superior. O alarido das cidades não é conveniente ao vôo do pensamento; ao contrário, a calma da natureza, a paz profunda das montanhas, facilitam a inspiração e favorecem a eclosão do talento. Assim, confirma-se, uma vez mais, o provérbio árabe: “O barulho é para os homens, o silêncio é para Deus!”

O espírita sabe que imensa ajuda a comunhão com o Além, com os espíritos celestes, oferece ao artista, ao escritor, ao poeta. Quase todas as grandes obras tiveram colaboradores invisíveis. Essa associação se fortifica e se acentua pela fé e pela prece, que permitem às forças do Alto penetrarem mais profundamente em nós e impregnarem todo o nosso ser. Mais do que qualquer outro, o espírita sente as correntes poderosas que passam sobre as frontes pensativas e inspiram idéias, formas, harmonias, que são como os materiais dos quais o gênio se utilizará para edificar sua maravilhosa obra.

A consciência dessa colaboração dá a medida da nossa fraqueza; ela nos faz compreender qual parte cabe à influência de nossos irmãos mais velhos, de nossos guias espirituais, daqueles que, do

espaço, se inclinam sobre nós e nos assistem em nossos trabalhos. Ela nos ensina a ficar humildes no sucesso. O orgulho do homem é que fez a fonte das altas inspirações secar. A vaidade, que é o defeito de muitos artistas, torna o seu espírito insensível e afasta as grandes almas que concordariam protegê-los. O orgulho forma uma espécie de barreira entre nós e as forças do Além.

O artista espírita conhece sua própria indigência, mas sabe que acima dele, abre-se um mundo sem limites, pleno de riquezas, de tesouros incalculáveis, perto dos quais todos os recursos da Terra não são mais que pobreza e miséria. O espírita também sabe que esse mundo invisível – se ele souber tornar-se digno dele, purificando seu pensamento e seu coração – pode tornar mais intensa a ação do Alto, fazê-lo participar de suas riquezas pela inspiração e pela revelação e delas impregnar as obras que serão como um reflexo da vida superior e da glória divina.

– A inspiração e a evolução da arte e do pensamento

O objetivo deste tópico é, principalmente, mostrar o considerável papel que a inspiração desempenhou em todos os tempos na evolução da arte e do pensamento. Todos os estudantes do oculto sabem que uma onda de idéias, de formas, de imagens, derrama-se incessantemente do mundo invisível sobre a humanidade. A maior parte dos escritores, dos artistas, dos poetas, dos inventores, conhece essas correntes poderosas que vêm fecundar seu cérebro, ampliar o círculo das suas concepções.

Ora a inspiração se introduz suavemente em nosso intelecto, mistura-se intimamente ao nosso próprio pensamento, de tal forma que se torna impossível distingui-la, ora é uma irrupção súbita, uma invasão cerebral, um sopro que passa sobre nossas frontes e nos agita fortemente numa espécie de febre. Outras vezes é como uma voz interior, tão nítida, tão clara que parece vir de fora para nos falar de coisas graves e profundas. Uma corrente de forças e de pensamentos agita-se e rola em torno de nós, buscando penetrar nos cérebros humanos dispostos a recebê-los, a assimilá-los, a traduzi-

los sob a forma e a medida de suas capacidades, de seu grau de evolução. Uns o exprimem de uma forma mais ampla, outros, de forma mais restrita, de acordo com suas aptidões, com a riqueza ou a pobreza das expressões que lhes são familiares e os recursos de sua inteligência.

As lições de *o Esteta*, que reproduzimos mais adiante, vão determinar os diversos caracteres da inspiração, segundo os casos.

Entre os homens de talento, muitos reconheceram essas influências invisíveis. Vários descrevem o estado vizinho ao do transe, em que a elaboração de uma grande obra os lança. Outros falam da onda ardente que os penetra, do fogo que corre em suas veias e provoca uma superexcitação que centuplica suas faculdades. Às vezes procuram, inutilmente, resistir a essa força que os domina, os subjuga e destruiria seu envoltório, caso fosse contínua. Existem os que sucumbiram a essa ação soberana e morreram prematuramente, como Rafael[9], na flor da idade.

Lamartine[10] descreveu esse estado em versos célebres:[11]

Mais à l'essor de la pensée

L'instinct des sens s'oppose em vain:

Sous le dieu mon âme oppressée

Bondit, s'elance et bat mon sein.

La foudre en mes veines circule,

Etonné du feu qui me brûle.

Je l'irrite en le combattant.

Et la lave de mon génie

Déborde en torrents d'harmonie

Et me consume en s'échappant.

(Méditations Poétiques)

Romain Rolland[12] descreve, nestes termos, o caso especial de Miguel Ângelo[13] (*Revue de Paris*, 1906, e *Cahiers de la Quinzaine*):

> A força do talento que provém do Deus oculto não se manifesta mais claramente senão em um homem sem vontade, como Miguel Ângelo. Jamais um homem foi sua presa dessa forma. Esse talento não parecia da mesma natureza que ele; era um conquistador, que havia se lançado sobre ele e o mantinha escravizado. Sua vontade não tinha nenhum poder e quase se poderia dizer, nenhum poder tinham seu espírito e seu coração. Era uma exaltação frenética, uma vida formidável em um corpo e uma alma muito fracos para contê-las.

Encontra-se em Goethe[14] (*Cartas a uma Criança*), os seguintes detalhes sobre Beethoven[15]:

> Beethoven, falando da fonte de onde lhe vinha a concepção de suas obras-primas, dizia a Bettina: "Eu me sinto forçado a deixar transbordarem, de todos os lados, as ondas de harmonia que provêm do foco da inspiração. Tento segui-las, e as agarro apaixonadamente; de novo elas me escapam e desaparecem entre a multidão das distrações que me cercam. Logo eu volto a agarrar a inspiração com ardor, arrebatado, multiplico todas as suas modulações e, no último momento, triunfo com o primeiro pensamento musical.
>
> Devo viver sozinho comigo mesmo. Sei bem que Deus e os anjos estão mais perto de mim, em minha arte, que os outros. Comunico-me com eles e sem temor. A música é uma das entradas espirituais nas esferas superiores da inteligência."

Mozart, por sua vez, em uma de suas cartas a um amigo íntimo, nos inicia nos mistérios da inspiração musical. Essa carta foi publicada em *A Vida de Mozart*, por Holmes[16], em Londres, 1845:

> Dizeis que gostaríeis de saber qual é minha maneira de compor e qual é o meu método. Verdadeiramente eu não posso vos dizer mais do que o que vou falar, porque eu mesmo não sei nada a respeito e não consigo me explicar.
>
> Quando estou com boa disposição e completamente só, durante meu passeio, os pensamentos musicais me vêm em abundância. Não sei de onde vêm esses pensamentos, nem como eles me chegam, minha vontade não tem nenhum poder nisso.

Schiller[17] declarou que seus mais belos pensamentos não eram de sua própria criação, eles lhe vinham tão rapidamente e com uma tal força que ele tinha dificuldade em compreendê-los bastante rápido para transcrevê-los.

Michelet[18] também parece estar, em certas horas, sob o domínio de algum poder incomum. Falando da sua *História da Revolução Francesa*, ele diz:

> Jamais, desde a minha Virgem de Orléans, eu havia recebido semelhante emanação do Alto, uma visita tão luminosa do céu... Inesquecíveis dias, quem sou eu para tê-los narrado? Eu ainda não sei, e não saberei jamais, como pude reproduzi-los. A incrível felicidade de reencontrar isso tão vivo, tão abrasador, após sessenta anos, encheu-me o coração de uma alegria heróica.

O poder da inspiração se traduz de uma maneira mais sensível ainda em Henri Heine[19]. Eis o que ele dizia no prefácio de sua tragédia *William Radcliff*:

> Escrevi *William Radcliff* em Berlim, enquanto o Sol iluminava com seus raios, antes enfadonhos, os tetos cobertos de neve e as árvores desprovidas de suas folhas; eu escrevia sem interrupção e sem fazer rasuras. Sempre escrevendo, parecia que eu ouvia, acima da minha cabeça, como que um barulho de asas...

Poderíamos multiplicar as citações do mesmo gênero, e nelas veríamos que a inspiração varia segundo as naturezas. Em uns, o cérebro é como um espelho que reflete as coisas escondidas e envia as suas radiações sobre a humanidade. Sob mil formas, ela penetra os sensitivos e se impõe.

– Comportamento de outros espíritos diante de *o Esteta*

As duas lições de *o Esteta* que vamos ler, têm por assunto a inspiração, considerada em sua causa e em seus efeitos gerais, tanto na Terra como no espaço.

Em nossas reuniões, essas lições prosseguem com regularidade a cada semana, porém, ainda ignoramos o nome e a personalidade verdadeira do seu autor. No entanto, observamos que os espíritos familiares do nosso grupo afastam-se com respeito e apenas se calam diante dele; o guia do médium vem, após a partida de *o Esteta*, e nos diz algumas palavras de amizade e de encorajamento, declarando-se "acanhado pela superioridade e a irradiação desse grande espírito".

Qualquer que seja o valor do estilo, nós nos empenhamos em reproduzir fielmente o pensamento do autor, evitando com cuidado tudo o que pudesse alterar o seu sentido, mesmo em benefício da forma.

Terceira lição

– Inspiração: causa, efeitos, formas
– A verdadeira arte

(29 de Novembro de 1921)

"Eu gostaria de vos falar sobre a inspiração. É um procedimento de transmissão da luz divina; ela se produz sob diversas formas, porquanto a arte, com suas inúmeras ramificações, aproxima-se em

graus diversos desse plano divino do qual vos falo. Quando, no espaço, o espírito de um artista decidiu reencarnar, leva com ele as amizades de seres queridos que, por causas diversas, devem ficar no espaço. Mas, por intuição, esses amigos enviarão a esse ser, aprisionado na carne, fluidos provenientes do seu meio e idéias que darão novo impulso à parcela de talento que existe nele e que, sob o domínio da carne, estaria bastante propensa a ficar adormecida.

A inspiração tem duas formas: uma pessoal, outra mais ampla, transmitida por espíritos elevados que haurem a arte das fontes mais puras e comunicam seus efeitos a um ser que os emprega de forma ordenada por seus meios próprios e naturais.

A inspiração pessoal é a mais comum. Vós sabeis que um ser que é capaz de experimentar esse fenômeno já é evoluído; sua evolução se realizará por etapas. Em cada uma das suas vidas, ele terá um período mais marcante que outros, aquele em que o trabalho foi mais obstinado e, por conseqüência, mais produtivo; dele resultarão aquisições que se acumularão no perispírito. Na existência seguinte, essas aquisições voltarão a aparecer sob a forma de um dom inato. Esse dom, para os que não são iniciados, se denominará inspiração. Mas essa inspiração não tem senão um caráter humano; em geral ela é fria, não sendo animada pelas luzes divinas.

Para tornar essa inspiração mais bela, mais elevada, é preciso impregná-la de ideal e de fluidos que emanam do foco divino. Chegamos assim à segunda forma de inspiração. Vós sabeis que os amigos invisíveis velam pelos seres que eles sentem que são dignos de serem protegidos e encorajados. Do espaço, os espíritos superiores pressentem a pequena chama criada pela inspiração pessoal. Para torná-la mais brilhante, pela prece, se Deus o permite, esses guias irão buscar, nas esferas onde reinam radiações maravilhosas, os elementos da vida criadora que alimentarão essa pequena chama e dela farão brotar centelhas de talento.

Pode acontecer que o corpo humano seja um pouco perturbado por essas forças. Quando os átomos físicos não podem resistir a

esse influxo, produz-se uma desordem no organismo. É o que explica os homens de talento terem, algumas vezes, falta de equilíbrio.

Eis a explicação material do fenômeno. O que sentirá o ser sob o efeito de uma inspiração? Se ele é suficientemente sensível, quando uma idéia, um pensamento que ele não podia prever, aflorar em seu cérebro, ele o assimilará como um receptor telefônico que recebe ondas elétricas e vibra à sua passagem. Ele é um pintor? De repente, sobre sua paleta, ele encontrará o segredo da mistura das cores que irá produzir uma nova cor, adaptando-se admiravelmente ao movimento de traços que torna o rosto expressivo ou ao relevo que deve ser dado a um quadro que está em execução. Ele é um pensador? Um escritor? Um poeta? Desse mesmo cérebro brotarão a idéia, a imagem, a expressão que devem realçar e ilustrar a obra que tem necessidade de revestir uma forma mais elevada e mais colorida. Ele é um músico? No momento em que menos esperar, um acorde, uma série harmônica, uma melodia, virão, pela sua suavidade, sua pureza, sua riqueza, dar à sua composição, um brilho que ela não teria conseguido adquirir. Se o ser humano é, desde o seu nascimento, tornado por um ideal, podeis calcular os novos tesouros que se ligarão a ele. A arte ideal é uma das formas da prece, seu pensamento atrairá amigos invisíveis muito elevados; a eles será fácil fazer realçar o brilho da chama acesa anteriormente e, da alma do artista, brotarão obras inspiradas pelo belo e pelo divino.

Geralmente é necessário que um artista fique em um meio são, porque a chama criadora que o anima pode extinguir-se, sob a influência de um ambiente fluídico carregado de moléculas materiais. A verdadeira arte não procura os prazeres da mesa, da carne, e aqueles dos quais o espírito e o cérebro não participam.

Em vosso país, a França, tendes artistas maravilhosos que criaram obras admiráveis em todos os domínios. Os artistas da Renascença constituíram, devo vos dizer, uma plêiade inspirada por um número não menor de grandes artistas do espaço. Esses artistas

da Renascença haviam encontrado sua fonte criadora na Antigüidade grega e latina. Após terem vivido na Grécia, no Egito e em Roma, retornaram ao espaço. Lá seus conhecimentos se ampliaram, adquiriram um brilho, uma aparência particular e, quando reencarnaram, deixaram o paganismo para celebrar, em todos os domínios, a glória de Deus, da qual eles tinham se impregnado durante sua última passagem nas esferas celestes. Suas vidas anteriores sobre a Terra haviam sido consagradas a um trabalho de base, isto é, à preparação dessa pequena chama que devia ser como um dos pólos atrativos da essência divina. É por essa razão que a obra dos pintores, dos escultores e dos músicos dessa época tem essa cor de piedade, de doçura, de quietude que não encontrais na época presente.

Em minha próxima exposição, eu vos falarei da inspiração em vossa época. Em alguns ela também é bela, porém, as características não são as mesmas. A inspiração atual, onde se misturam novos pontos de vista, deve contribuir para uma transformação geral da humanidade, por uma evolução no pensamento, aproximando-se e comunicando-se com o mundo invisível, intermediário do plano divino."

Quarta lição

– Inspiração nos tempos modernos
– Inspiração científica e inspiração idealista
– Inspiração, forma que concretiza a arte

(5 de Dezembro de 1921)

"Vamos falar da inspiração nos tempos modernos. Vós ides compreender que há três grandes etapas: iniciação, trabalho e progressão. O desabrochar, parcial sobre os mundos, é completo no espaço. Vimos nossos artistas fazerem sua iniciação na

Antigüidade, seja na Grécia, no Egito ou em Roma. De volta ao espaço, esses seres amadureceram e aproveitaram as qualidades adquiridas em uma ambiência material; retornando à Terra, em uma outra encarnação, eles trouxeram seu ideal da época da Renascença; depois esse ideal se expandiu, um século mais tarde, nas letras, nas artes e na arquitetura. Eu quero falar do século de Luís XIV. Tendo esses espíritos retornado ao espaço, durante um tempo bastante longo, a inspiração em geral foi apenas medíocre no século XVIII e latente no XIX.

Em que consiste a inspiração em nossa época?

Os Espíritos, imbuídos das belas obras rebuscadas sobre a Terra e no espaço, e que estão atualmente desencarnados, retornarão no momento em que a arte e o espírito, divinizados, deverão reflorir de uma forma mais intensa. Paralelamente, outros espíritos, que anteriormente trabalharam para a evolução material, impregnaram-se de positivismo e, aqui na Terra, na hora presente, sua inspiração, que está classificada como inspiração pessoal, encaminha-se para as coisas científicas. Mas o grupo de artistas idealistas que fica no espaço busca iluminar com uma luz divina esses seres que têm belas qualidades, sob o ponto de vista do trabalho, e que devem fazer surgir a centelha da ciência.

Eis por que, nesse momento, observais uma luta entre a ciência pura e a procura dos destinos humanos, sua formação e a do Cosmos.

Vós ireis me dizer: Como concebeis a arte no espaço? A arte brota da inspiração, assim sendo era necessário vos mostrar como a arte se desenvolve e cresce numa evolução constante, para que pudésseis perceber a marcha ascendente da espiritualidade. Somente quando compreenderdes bem como a centelha artística, a centelha divina, se libera do espírito é que podereis compreender e também idealizar os quadros que se passam no espaço, mais grandiosos e mais completos que aqueles que vedes sobre a Terra e que deles são apenas um pálido reflexo.

Os espíritos positivos terrestres, provindos de uma centelha criadora, procuraram, pela inspiração científica que lhes é própria e por aquela que recebem dos seres desencarnados, descobrir o mistério da vida e do Universo.

Todas as forças se entrecruzam, do mundo visível ao mundo invisível. Do alto, os espíritos idealistas buscam animar, com um ardor que os espiritualize, os seres que trabalharam em períodos diversos e que, desse fato, adquiriram uma inspiração pessoal, mas rígida e fria.

Os cientistas da vossa época não viveram no mesmo tempo que os idealistas que conceberam tão belas obras, e é por isso que, do espaço, esses idealistas procuram estimular os cientistas. A inspiração pessoal destes últimos se confinou a um domínio que diz respeito à matéria. A centelha criadora atinge apenas o cérebro e não a alma, portanto era necessário que grandes espíritos iniciadores viessem do espaço dar aos vossos contemporâneos a insuflação inspiradora que os conduza, muito suavemente, pelos exemplos materiais, à revelação de forças desconhecidas.

As ondas hertzianas são uma das formas concretas de correntes fluídicas, criadas por Deus e transmitidas pelos espíritos. O primeiro homem que, sob a forma de uma inspiração, constatou-lhes a existência, foi conduzido a esse fato, pouco a pouco, por invisíveis que queriam revelar aos terrestres o poder das correntes que eles desconheciam. Porém, da inspiração científica à inspiração idealista há uma distância. As dificuldades existem em razão dos meios de ação, mas, nos séculos futuros, será preciso que todos os seres vibrem em uníssono e, no momento atual, o núcleo de pesquisadores científicos tem necessidade de sentir uma inspiração em que se misturem a ciência e a forma espiritualizada da obra divina em toda a sua grandeza e sua beleza. Já que as ondas de seres vivos que passam pela Terra não têm todas o mesmo grau de evolução, a inspiração que anima cada onda não pode ser da mesma natureza.

Para preparar o trabalho progressivo das gerações há, na inspiração científica, uma mistura de desconhecido, de surpresa que, algumas vezes, produz um ceticismo que não é durável.

Fatalmente, no ciclo que se prepara, vossos sábios deverão aceitar e ensinar à humanidade as novas forças que brotam continuamente do espaço celeste. No dia em que vossos cientistas descobrirem, pela intuição e pela inspiração, a fonte das correntes que animam o Universo, o ideal divino estará pronto para reflorir sobre a vossa Terra e nós poderemos afirmar, convosco, que a evolução terrestre terá dado um grande passo.

A evolução científica prossegue em todos os domínios, desde a preciosa descoberta material até a aplicação de princípios novos e positivos nas artes. Atualmente vossas artes, salvo a literatura, procedem desse gênero um pouco impulsivo de impressão e de inspiração. Se, durante a Renascença, as composições pareciam por vezes um pouco ingênuas, em vossos dias, a cor, a forma, o poder da inspiração não faltam, mas será preciso adquirir, nos séculos futuros, a noção de ideal que servirá de elo a todas as obras do pensamento. Deus vos dá, por aí, o sentido real e profundo da sua obra universal.

Nesse estudo, vimos o cérebro do artista organizado em todos os domínios. A inspiração, quer venha da personalidade ou do ideal divino, é a forma que concretiza a arte. Os seres carnais a adquirem na Terra, seu espírito a completa no espaço.

Mais tarde, passaremos em revista as belas concepções que podem brotar de uma alma ardente no trabalho e plena de admiração pelo Criador.”

Parte III

» Senso artístico: constituição e evolução

(Março de 1922)

Em que consiste o senso artístico?

O estudo atento da alma nos mostra que tudo na natureza – os sons, os perfumes, os raios de luz, as cores – encontra em nós suas correspondências, suas analogias, e que suas radiações se fundem e se harmonizam às profundezas do ser, na medida da nossa evolução. É isso o que constitui o senso artístico, a compreensão do belo sob todas as formas.

A evolução desse senso íntimo, a faculdade de expressá-lo, desenvolvem-se nas almas de vidas em vidas e terminam por produzir o talento, o gênio. Nos aspectos superiores da arte, o artista encontra a alta concepção da beleza eterna; ele compreende que sua fonte única está em Deus. Do infinito, essa fonte se lança sobre todos os seres e os penetra de acordo com o seu grau de receptividade.

Raios de luz e cores, sons e perfumes, estão ligados por um encadeamento, uma espécie de escala da qual cada nota representa uma soma particular de vibrações e que constituem, em seu conjunto, uma unidade perfeita. Se a ela se juntam as formas e as linhas, essa unidade se tornará a lei geral do belo, e a arte, em suas múltiplas manifestações, terá por objetivo reproduzi-las.

O estudo da arte e suas realizações nos impregnam, pouco a pouco, de esplendores do Universo. Inicialmente insensível e inconsciente no homem primitivo, esse trabalho acaba consciente, acentua-se, revela-se sob formas crescentes para se tornar como que um reflexo da suprema beleza.

Porém, sobre a Terra, a arte ainda é apenas um balbucio. Nos outros mundos, e principalmente no espaço, dizem-nos os nossos

guias, ela produz maravilhas perto das quais as mais belas obras humanas pareceriam bem pobres e quase infantis. Chegada a essas alturas, a arte torna-se a forma mais sublime do culto prestado à divindade.

Até aqui o artista se inspirou nas coisas do mundo visível ou tangível; dele ouviu as vozes, as harmonias; estudou-lhe as formas, as cores e com elas conseguiu impregnar suas obras. Assim, o artista criou uma comunhão mais íntima entre o homem e a natureza. Graças a ele, as coisas obscuras e mudas tomaram uma alma e suas vagas aspirações, suas queixas, suas dores encontraram expressões que, tornando-as mais vivas, as aproximavam de nós, ao mesmo tempo em que a alma humana tornava-se mais sensível ao contato da vida exterior.

Assim, a arte entregou à vida do globo o sentido profundo que lhe faltava. Por meio da arte, as forças cegas da natureza penetraram em nós e adquiriram como que um reflexo da nossa consciência e dos nossos sentimentos. A alma humana foi em direção às coisas e sua influência lhes deu um modo mais intenso de vida e de sensações; por intermédio dessa comunhão a alma da Terra se elevou ao conhecimento de si mesma, de seu papel e de seu grande destino.

Agora, como se pode ver pelas lições de *o Esteta*, é todo um outro mundo que se abre, é toda uma vida ignorada que surge, mais rica, mais abundante, mais variada do que tudo o que conhecemos até aqui, e a arte vai encontrar nesse meio desconhecido de fontes inesgotáveis de inspiração e de poesia, formas insuspeitáveis do pensamento e da vida.

Desde agora, o domínio da matéria sutil e dos fluidos foi aberto, revelando-se sob aspectos prestigiosos, oferecendo ao homem meios de estudo e de observação que estendem ao infinito o campo de suas pesquisas e de seus conhecimentos científicos. As aparições de espíritos nos acostumaram com todas essas formas de existência extraterrestre, desde as materializações mais densas e mais grosseiras, até às manifestações da mais ideal e mais radiosa vida.

Em nossas conversas regulares com os espíritos-guias, obtemos indicações sobre a vida no espaço, sobre a grandiosidade de formas e de cores, sobre suas suaves e poderosas harmonias, que abrem ao músico, ao pintor, ao escultor, caminhos múltiplos e inexplorados.

Aqueles que possuem faculdades medianímicas irão percebê-los diretamente e, com eles, todos os recursos da arte serão enriquecidos. O vasto mundo dos espíritos torna-se acessível aos nossos sentidos, pelos espetáculos e ensinamentos que ele nos reserva. As forças intelectuais da humanidade serão centuplicadas, seu gênio artístico criará obras que superarão tudo o que os séculos realizaram.

– Fusão do bem com o belo: objetivo sublime da criação

Em resumo, a lei eterna do Universo, o objetivo sublime da criação, é a fusão do bem com o belo. Esses dois princípios são inseparáveis, eles inspiram toda a obra divina e constituem a base essencial das harmonias do Cosmos.

O pensamento e a intenção divinos sendo o bem, a manifestação deles é o belo. Em sua ascensão, o ser deverá mais e mais compenetrar-se desse pensamento soberano, dessa vontade, e dedicar-se a realizá-los em si e à sua volta, sob formas sempre mais perfeitas. Sua felicidade consistirá em assimilar essa lei e em cumpri-la. As alegrias íntimas e profundas que resultarão disso são a demonstração evidente do objetivo do Universo, alegrias que toda a linguagem humana, dizem-nos os espíritos, é insuficiente para definir. Essas leis, esse objetivo essencial, o Espiritismo não somente os ensina; ele ainda nos indica os meios de alcançá-los, de praticá-los. Sob esse ponto de vista, seu papel é notável e sua intervenção, no atual momento da história, é providencial.

Há um século vimos assistindo ao colossal desenvolvimento da indústria e de suas invenções, à descoberta e à aplicação dos recursos físicos da Terra. Disso resultou, nas idéias, uma poderosa corrente materialista, que deu um novo impulso aos apetites, às necessidades imperiosas de bem-estar e de usufrutos. A

necessidade de se opor uma contra-influência espiritualista a essa corrente cada vez mais se faz sentir.

A evolução material necessita de uma evolução filosófica e religiosa paralela, sem o que as forças intelectuais se voltariam, cada vez mais, em direção ao mal e o mundo desabaria num grande cataclismo do qual a última guerra seria apenas o prelúdio e dele nos daria só a idéia.

Acima da vida presente, que é somente transitória, é preciso, entre outras coisas, fazer entrever a outra vida, que é o seu objetivo e a sua sanção. Unicamente pelo acordo final das ciências, das filosofias e das religiões mais evoluídas é que o pensamento atingirá os altos cumes e que a humanidade encontrará a confiança e a paz, com conhecimento das verdades essenciais, sob suas diversas faces.

Quinta lição

– Projeção de quadros e formas esculturais no espaço

(10 de Janeiro de 1922)

"Em nossas últimas lições falamos dos diferentes graus de inspiração capazes de se exteriorizar e de formar pinturas, imagens espirituais tornadas concretas para os seres que habitam o vosso mundo, e sobre os diversos pontos do espaço celeste.

Com as lições preliminares tendo mostrado a ginástica cerebral que se realiza em cada ser organizado, de forma consciente ou inconsciente, vamos rever qual é o fenômeno que, na volta ao espaço, faz mover, por reflexo, esses mesmos feixes fluídicos, acumulados sob a forma de conhecimentos nos corpos carnais.

Um escultor regressa à vida do espaço. Ele revê todas as suas existências passadas e, geralmente, estas últimas tiveram como centro de trabalho (centro, no sentido absoluto do termo) lugares

em que a própria natureza induz à beleza. No espaço, esse ser não poderá afastar do seu espírito os pensamentos, a visão das obras criadas por seus semelhantes ou por ele mesmo. Instintivamente, seu espírito ainda flutuará em torno dos monumentos, das estátuas que ele gostava de contemplar durante sua vida material. Se passou sua existência em um determinado país, a ele retornará; se passou uma existência anterior em um outro país, a ele será atraído, instintivamente, por suas lembranças. Quando em repouso, no espaço, desfrutará de uma real beatitude, e projetará, em raios de todas as cores, quadros, formas esculturais do mais maravilhoso efeito. Poderá unir as artes gregas, romanas, latinas e gaulesas e reviver horas inesquecíveis para ele. Todas as épocas de sua arte serão representadas, segundo a duração e o gênero das evoluções realizadas.

Um dia, no meio astral em que se encontra, composto de moléculas especiais, ele desejará fazer os espíritos menos avançados tirarem proveito dessas mais belas projeções. Com a ajuda de alguns amigos, seu pensamento pedirá a Deus para atrair espíritos profanos que têm o desejo de se elevar, mas cujos conhecimentos artísticos são medíocres. Para empregar vossos termos, ele quererá vulgarizar sua arte e atrair para si um público de seres sem dúvida distintos, mas pouco eruditos. O espírito sempre inventivo dos nossos artistas criará pórticos, abóbadas, unindo a arte grega à arte romana, a arte romana à arte ogival, e que constituirão graciosos monumentos. Esses monumentos, erigidos fluidicamente, utilizam moléculas relativamente sólidas, não a ponto de se poder ir de encontro a elas, mas essas moléculas, à passagem dos espíritos, produzem neles uma impressão quase de êxtase.

Dessa forma, os seres fluídicos podem se encontrar em presença de arquiteturas cujos planos a vossa geometria, muito pobre, não me pode ajudar a explicar.

Essas obras de arte podem permanecer fixas no espaço o tempo que a vontade do artista desejar, no entanto ele sente que seu

orgulho tem limites; em um determinado momento, sua vontade, instintivamente, projetará um outro quadro e o monumento precedente desaparecerá para dar ao azul celeste toda a sua limpidez, esperando que uma nova obra se produza e se sustente.

As moléculas que compõem esses trabalhos de arquitetura são, em si mesmas, maleáveis e obtidas na matéria astral; mas o pensamento do artista, como todos os outros sentimentos, irisam esses trabalhos de cores tais que todos os seres que contemplam essas obras experimentam sensações tão mais vivas quanto mais acentuada for a elevação de cada um.

Os modelos são obtidos tanto de lembranças que emanam da vossa Terra como de outros mundos mais ou menos avançados. Eu vos falarei desses mundos em último lugar.

Se a escultura é interessante, a pintura não o é menos. Existem gradações entre a escultura, a pintura, a música e a arte da palavra, ou da filosofia escrita ou falada."

Sexta lição

– Diferenças entre arquitetura e pintura
– Inspiração na arte da pintura
– A formação das cores
– Duração das criações artísticas no espaço

(20 de Janeiro de 1922)

"Após vos haver falado da arquitetura no espaço em nossa última conversa, hoje vamos nos ocupar da pintura. Há uma sensível diferença entre o pensamento escrito ou falado e a arquitetura ou a pintura. A arquitetura atinge os sentidos, a pintura atinge mais o espírito que os sentidos.

Na vida comum, a pintura é a reprodução exata, tanto quanto possível, dos quadros que Deus colocou sob nossos olhos, nos

mundos que ele criou. Na arquitetura tomam parte tanto a inspiração quanto o talento, assim como o trabalho do ser humano. A pintura procede de outro modo: ela tende a fixar sobre uma superfície qualquer as impressões transmitidas ao cérebro pela receptividade das imagens.

No vosso mundo, a pintura também irá se inspirar em visões anteriores recolhidas pelo artista, seja no espaço, seja em mundos que ele habitou ou visitou. O ser que trabalhou especialmente nessa arte possuirá todos os materiais necessários para reconstituir, em um meio fluídico apropriado, os quadros suscitados pelo seu pensamento. Vossas cores terrestres formam uma paleta muito incompleta, porquanto, além daquelas representadas pela natureza, sois obrigados a criar cores artificiais com a ajuda da vossa química.

No Além o pensamento se concretiza em feixes luminosos, revestindo as cores mais variadas. Portanto, cada pensamento se traduz por um rasto brilhante, mais ou menos colorido, segundo sua orientação.

Entendeis que é muito fácil para um ser que já possua, por sua evolução, um passado artístico, reproduzir no meio fluídico, não somente arcadas arquitetônicas, mas também telas sobre as quais irão se imprimir cenas reconstituindo o que eu chamaria de o sonho em cores.

No próprio espírito do ser, as cores existem em estado latente, visto que elas mesmas são formadas por moléculas diferentemente coloridas. Essas moléculas podem ser comparadas a pequenos pedaços de vidro de variadas cores. O pensamento, atravessando essas moléculas, fará uma projeção que reproduzirá os assuntos que o ocupam. A fotografia em cores pode ser tomada como comparação, pois que, de uma forma bem restrita, ela pode dar uma fraca idéia das colorações fluídicas do espaço.

Vós vedes daqui a diversidade das cenas que podem ser projetadas por seres especialmente organizados. Naturalmente aqueles que trabalharam a pintura são os que projetam os mais

belos quadros, porque possuem a harmonia da linha e a ciência do desenho.

A atração dos meios espirituais não é uma palavra vã; a corrente se perpetua e se estende, a evolução prossegue, mesmo no espaço, e numerosos são os espíritos que, voluntariamente, buscam se impregnar de qualidades radiantes dos espíritos mais avançados que eles.

Estes criam, no meio em que vivem, quadros, cenas de um deslumbramento extraordinário, de uma riqueza de colorido incomparável. Como na arquitetura, esses quadros são perecíveis, de acordo com a vontade do ser que os formou, mas existem regiões onde, seja em arquitetura, seja em pintura, cenas e monumentos subsistem após a reencarnação do seu autor. É como um dos limites do espaço separando os mundos etéreos, mundos numerosos onde a vida é puramente espiritual e que são freqüentados apenas por espíritos muito elevados. É lá que os seres vão em missão buscar as altas inspirações, iniciar-se no culto do belo e do bem, impregnando-se de radiações que têm um caráter realmente divino.”

Parte IV

» Literatura e oratória
» A língua francesa e a idéia espiritualista

(Abril de 1922)

A literatura e a oratória também são formas de arte, meios poderosos de fazer o pensamento brilhar em nosso mundo. Pode-se dizer o que Esopo[20] dizia da língua: "ela é, segundo o uso que se fizer dela, o que há de melhor ou de pior." Sob esse ponto de vista, a França sempre teve um papel privilegiado. A clareza, a nitidez de seu idioma, ainda que mais pobre que outros em qualificativos, serviu largamente para a expansão do seu talento e a difusão das idéias generosas. São, portanto, as qualidades desse idioma que asseguram ao nosso país, ao mesmo tempo, um lugar à parte no mundo e uma alta situação no futuro.

Nossa língua, por sua limpidez, sua clara compreensão das coisas, é o instrumento predestinado das grandes anunciações, das revelações augustas. As outras línguas têm seu charme, sua beleza, porém nenhuma consegue esclarecer melhor as inteligências, persuadir, convencer. Assim, os espíritos de elite que vierem à Terra cumprir uma missão renovadora encarnarão de preferência em nosso país e, dentre eles, os maiores de todos, a fim de que nossa língua possa servir de veículo aos seus altos e nobres pensamentos através do mundo. Sua presença e sua ação, dizem-nos do Além, ainda contribuirão para aumentar o prestígio e a glória da França.

A literatura francesa sobressai principalmente na análise dos sentimentos e das paixões; ela se caracterizou sobretudo no romance, cujo tema geral é o amor sensual. Sob a influência do materialismo ávido de todos os prazeres, ela perdeu-se em contradições, assim como em prazer, e, em lugar de cooperar para o

enobrecimento da raça, contribuiu, a maior parte das vezes, para corromper seus costumes e precipitar sua decadência. A maioria dos autores do nosso tempo se compraz em expor suas aventuras na ostentação de um cinismo picante. Daí, em certos momentos, o descrédito da França no exterior e as medidas tomadas contra nossa língua em inúmeros estabelecimentos de educação. Já é tempo de uma nova corrente de idéias vir inspirar a arte e a literatura francesas, com um senso mais filosófico das coisas e uma noção mais ampla do destino. Somente isso pode restituir às obras do pensamento toda a sua amplitude e sua eficácia regeneradora.

Sob a inspiração de colaboradores e instrutores invisíveis, essa reação vai se acentuar. Os escritores, os oradores, sentem-se levados pelas forças ocultas em direção a horizontes mais puros, mais luminosos. De toda parte surgem produções impregnadas de doutrinas amplas e elevadas.

O pensamento francês começa a adquirir esse poder de irradiação ao qual tem direito; um dia ele atingirá as alturas que, até agora, só a música soube fazer entrever e pressentir. Ele chegará a possuir esse dom de penetração, de persuasão, essas qualidades estéticas que asseguram sua predominância definitiva. Pode-se constatar desde agora que, sob a sua influência, o mundo latino se impregnou inteiramente das doutrinas de Allan Kardec sobre as vidas sucessivas. As obras do grande iniciador foram traduzidas em todas as línguas neolatinas. As edições espanholas e portuguesas se sucedem rapidamente na América Central e Meridional; a idéia espiritualista penetra nos meios mais isolados, sob a forma com a qual os escritores franceses a revestiram.

No século passado[21], os autores de talento já haviam encontrado motivos de inspiração nos fenômenos psíquicos. Pode-se citar Balzac[22], Alexandre Dumas[23], Théophile Gautier[24], Michelet, Edgar Quinet[25], Jean Reynaud[26] e muitos outros.

O Romantismo, apesar dos seus excessos, levava a esse século, como uma onda muito grande, a noção do divino e da imortalidade; assim, os homens de 1830 e de 1848 tinham um caráter mais

enérgico e uma importância mais nobre que os homens políticos da nossa época.

O impulso romântico manifestou-se como prelúdio do grande movimento de idéias que hoje abrange toda a humanidade. De Lamartine a Hugo, até Baudelaire e Gérard de Nerval[27], todos buscam o infinito na natureza e na vida. A noção das vidas sucessivas se encontra em *La chute d'un ange (A queda de um anjo)* e em *Jocelyn*;[28] depois em *Revenant (Voltando)*, *Les contemplations (As contemplações)*, *La légende des siècles (A lenda dos séculos)*, de Victor Hugo[29]; em *La vie antérieure (A vida anterior)*, de Baudelaire[30], etc.

Em obras mais recentes, certos autores de mérito, como Paul Grendel, Élie Sauvage, Dr. Wylm, etc., deram mais desenvolvimento à idéia psíquica e dela fizeram sobressair as grandes conseqüências. Também no exterior, Rudyar Kipling[31], dizem, e Selma Lagerlöf[32] introduzem a reencarnação em suas obras. Toda uma plêiade de jovens e ardentes escritores, nem sempre avaliados, segue esses exemplos e se embrenha em caminhos ricos e fecundos.

Os graves acontecimentos dos últimos anos criaram por toda parte novas necessidades do espírito e do coração: a necessidade de saber, de crer, de descobrir os focos de uma luz mais viva, de fontes abundantes de consolação. A alma da França faz esforços para se libertar das opressões do materialismo. Suas profundas intuições célticas despertam e a conduzem em direção às fronteiras espirituais onde todo um mundo invisível a chama e a atrai.

– A França, sua missão
– A alma céltica

O talento da França é feito de equilíbrio e de harmonia. Apesar de certas faltas no passado, pode-se dizer que ele muitas vezes serviu de mediador entre as escolas mais diversas, entre os sistemas mais opostos. Ainda hoje, na ordem política, por exemplo, a França

se mantém entre a reação e a anarquia. Freqüentemente foi assim, no decorrer da sua história, nos domínios da arte e do pensamento.

Vimos que sua língua, que é uma das expressões do seu talento, apresenta as qualidades de precisão e de flexibilidade que fazem dela um maravilhoso agente de difusão e de propaganda. Ela sabe emprestar às idéias, ao mesmo tempo, a força e a graça, e é por aí que ela pode contribuir largamente para iniciar o mundo no conhecimento das leis superiores.

A literatura e a poesia francesas, melhor que todas as outras, souberam reproduzir todas as nuanças do pensamento e do sentimento; a ternura, a energia, o encanto, a doçura infinita do ideal, em uma palavra, todos os sonhos sobre-humanos da arte e da beleza.

O luminoso talento da França tem por papel, principalmente, reunir e fundir, em uma média equilibrada, os dois talentos diferentes, o do Sul e o do Norte, da raça latina e das raças setentrionais. É, talvez, ao encontro desses elementos opostos, ao fluxo e refluxo dessas correntes diferentes, que se deve a mobilidade do seu espírito e a instabilidade por vezes enfadonha de seus desígnios; porém, sempre após os períodos de crise, em que o equilíbrio nela é alterado, o espírito nacional retorna sua atividade e seu progresso.

Sua missão, portanto, parece ser a de fornecer aos outros povos, de espírito mais lento, as indicações, as diretrizes das quais eles tiram uma aplicação prática e fecunda. É nesse sentido que a França é um agente maravilhoso de progresso e de evolução humana, por seu cuidado com a verdade e com a luz, e pela beleza das formas com as quais ela se compraz em revesti-las.

São essas qualidades que lhe darão um papel preponderante na difusão do Espiritismo filosófico e moral, enquanto que os países anglo-saxões estão interessados em representá-lo, principalmente sob seu aspecto científico e experimental.

Após suas horas de tentativas e de obscuridade, o gênio da França, que não é outro senão a alma sempre viva e imortal da

Gália, ergue-se e, com um vigoroso esforço, liberta-se dos atoleiros terrestres e lança-se em direção ao céu, para ali descobrir novos horizontes, novas perspectivas sobre o futuro e mostrá-las como objetivo à humanidade em marcha.

Para todos aqueles que sabem estudar e compreender o gênio da nossa raça, sob o véu do cepticismo que por vezes a recobre, a alma céltica reaparece e, nas horas solenes, são seus impulsos que determinam as resoluções viris, os atos decisivos.

É ela que inspira Joana d'Arc e por suas mãos livra a França do jugo dos ingleses; ainda é ela que provoca essa poderosa explosão espiritualista que, em época revolucionária, leva a todos a noção essencial de liberdade, assegurando assim o triunfo da alma moderna sobre as teorias deprimentes do determinismo e do fatalismo. É sempre ela que, nos dias sombrios de 1914, revela todas as forças vivas da nação e a conduz, heróica e sublime, diante do despotismo germânico e do militarismo teutônico[33]; mais recentemente ainda, a alma céltica coloca a nação como um dique em oposição à onda vermelha do bolchevismo[34].

A França tem maiores deveres que as outras nações, porque recebeu maiores dons, mais brilhantes qualidades. Assim, suas responsabilidades são mais pesadas e mais extensas. Hoje, uma tarefa, mais importante do que todas as outras, desenha-se para ela no mundo inteiro. Trata-se de iniciar os homens nas belezas de um futuro mais vasto, mais rico que aquele que as concepções filosóficas e religiosas puderam entrever. Trata-se de guiar a ascensão humana em direção ao grau mais elevado do pensamento, onde se acendem os clarões de um novo dia, a aurora de uma civilização mais nobre e mais digna, livre dos flagelos que, até aqui, entravaram o caminho áspero e doloroso da humanidade.

As outras nações têm, cada uma, a sua tarefa importante, mas a França ultrapassa a todas pela variedade de suas aptidões e de suas atividades. É por isso que o mundo inteiro tem os olhos fixos sobre ela, esperando o sinal que traçará sua nova evolução.

Ó alma viva da França, desliga-te das pesadas influências materiais que ainda te oprimem, eleva-te até esse nobre ideal que é tua missão adquirir e propagar no mundo! Somente quando a nova revelação for conhecida por todos os povos, quando ela tiver dado à sua expressão a forma magnífica do teu talento, é que os homens compreenderão seu grande destino, bem como os deveres e os encargos que ele lhes impõe, e a justiça e a paz enfim reinarão sobre a Terra regenerada. E por esse meio teu papel aparecerá aos olhos de todos. Tu serás respeitada pelas gerações, e a tua glória se iluminará com um brilho que nada poderá mais empanar!

– A oratória e o gesto
– A inspiração dos grandes oradores

Na oratória, o movimento do pensamento é representado não apenas pela palavra, mas também pelo gesto que sobre ele chama a atenção e acentua seus efeitos. Nisso, mais que em qualquer outra matéria, uma justa medida se impõe porque tanto o excesso como a ausência de mímica devem ser igualmente evitados com cuidado.

A maior parte dos grandes oradores recebe a inspiração do invisível. Essa inspiração chega até eles em ondas rápidas e faz surgir as expressões, as formas, as imagens que provocam o entusiasmo das multidões. Em certos momentos, eles se sentem como se fossem erguidos da Terra e levados por uma corrente irresistível. No transcorrer da minha carreira de conferencista, experimentei muitas vezes a sensação de uma poderosa ajuda oculta, e eu conhecia a sua causa. O Espírito Jerônimo de Praga, meu protetor, meu guia, sempre me assistiu na minha tarefa de propagandista. Às vezes, no momento de aparecer diante de um numeroso público, com freqüência indiferente ou mesmo hostil, e de tomar a palavra, eu era vítima de um mal físico, de uma violenta enxaqueca que paralisava meu pensamento e minha ação. Mas então, respondendo ao meu ardente apelo, à minha prece, o espírito do meu guia intervinha. Por uma enérgica magnetização, ele restabelecia o equilíbrio orgânico e devolvia minha lucidez, meus

meios de agir. Outras vezes, após debates contraditórios que duravam várias horas, após lutas oratórias com contraditores obstinados, materialistas ou religiosos, apesar do meu esgotamento, eu ainda encontrava inflexões, entonações vibrantes que pasmavam e abalavam o auditório.

Um dia, tive a compreensão desse fenômeno ao vê-lo acontecer sob os meus olhos. Encontrava-me em Aix-les-Bains, na igreja paroquial, no decorrer de uma solenidade religiosa em homenagem a Joana d'Arc. Na presença do Cardeal Dubillard e de uma multidão compacta, um jovem padre subiu ao púlpito para pronunciar o panegírico[35] da heroína. Minha médium, a senhora Forget, que estava sentada ao meu lado, disse-me de repente: "Vejo o Espírito Jerônimo, ele está de pé no púlpito, atrás do padre." Fiquei atento ao que ia se passar. O jovem padre começa com um tom calmo; suas frases harmoniosas se desenrolavam com método, depois, pouco a pouco, o tom se eleva, a voz torna-se vibrante e, por fim, inflexões poderosas, que eu reconhecia, fizeram ressoar as abóbadas do edifício. Eu tinha um exemplo do que se produzira comigo em muitos casos.

Essa inspirada eloqüência eu a encontrei em certos médiuns, bastante raros na verdade. Há os que incorporam, em uma mesma sessão, vários espíritos dos quais as palavras revelam personalidades muito diferentes, de grande originalidade e que é impossível serem confundidas entre elas ou com a do médium.

O médium mais notável que encontrei, no decorrer de minhas viagens, foi a filha de um professor do liceu de Marselha. Quando em estado de transe, ela servia de voz não somente a oradores do espaço, mas também a outras entidades extraordinárias, por exemplo a célebre Sra. Geoffrin, que por sua delicadeza de espírito, sua amabilidade e o encanto penetrante de suas maneiras, por sua linguagem um pouco antiquada, não deixava, temos que convir, margens para a simulação.

É assim que as influências do alto se fazem sentir de mil maneiras, e que mais e mais se confirma a prova da sobrevivência

da alma e da solidariedade que liga o mundo dos vivos ao mundo dos mortos.

– Escritores e oradores, o verdadeiro mérito
– A influência da música

O verdadeiro mérito, seja do escritor, seja do orador, consiste em fazer pensar, em provocar nas almas as nobres e santas exaltações, em elevá-las em direção às alturas radiosas onde elas percebem as vibrações do pensamento divino, em uma comunhão suprema.

No entanto, para que a alma se desenvolva e desabroche no êxtase das alegrias superiores é bom que a harmonia venha se juntar à palavra e ao estilo; é preciso que a música venha abrir, para a inteligência, os caminhos que levam à compreensão das leis divinas, à posse da eterna beleza.

A influência da música é imensa e, segundo os indivíduos, reveste-se das mais diferentes formas. Os sons graves e profundos agem sobre nós de tal maneira que o melhor de nós mesmos se exterioriza. A alma se desprende e sobe até as fontes vivas da inspiração.

Quando eu tinha que fazer uma conferência em uma grande cidade, por mais de uma vez aconteceu dirigir-me, na véspera, à noite, a algum teatro lírico. Lá, escondido no fundo de um camarote, completamente isolado, eu me desinteressava de tudo o que se passava na sala ou no palco, para me deixar embalar pela obra musical. Sob a ação combinada dos instrumentos e das vozes, uma onda de idéias crescia em meu cérebro, um desabrochar de pensamentos e de imagens surgia das profundezas do meu ser. E, nesses momentos, eu determinava o meu tema com uma riqueza de matérias, uma profusão de argumentos, uma abundância de formas e de expressões que eu não poderia ter encontrado no silêncio e que nem sempre se apresentavam em minha memória no momento oportuno.

O som dos grandes órgãos e os cantos sacros produzem em mim impressões ainda mais profundas. Durante os momentos em que posso ouvir boa música, o poder da arte abre, para meu benefício, o domínio dos tesouros escondidos das mais belas faculdades psíquicas, para, em seguida, deixar-me recair pesadamente na corrente habitual do pensamento e da vida.

Na Terra, é pelo pensamento, oral ou escrito, que se comunica a fé e que se instruem os homens. Porém, no espaço, nos dizem os nossos guias, a música é a expressão sublime do pensamento divino.

Já aqui na Terra, pode-se observar que um escritor ou um orador que estude a harmonia vê crescer, em proporção, os recursos da sua imaginação, sua penetração das coisas e sua facilidade em exprimi-las. Certos homens talentosos não têm declarado que suas mais belas obras tinham sido concebidas em horas de êxtase, provocadas pela audição de ecos longínquos de algumas notas desprendidas dos concertos celestes, quer dizer, da orquestra infinita dos mundos?

Sétima lição

– Ação do pensamento na literatura e na oratória

(27 de Janeiro de 1922)

"Esta noite vamos abordar o domínio artístico, que tem por veículo puro o pensamento, o pensamento na literatura e na oratória. Em nossa última conversa mostramos como, sob o ponto de vista artístico, o reflexo do pensamento podia, graças a meios maravilhosamente sutis, ligar-se a moléculas fluídicas e, por meio de cores variadas, representando idéias, compor quadros nos quais a arte da cor reproduz cenas tendo o belo por símbolo; isso dito em forma de transição. E agora, qual será a ação do pensamento na arte?

O pensamento é, antes de tudo, um dom de observação. O ser humano, encarnado ou desencarnado, pode explorar, em pensamento, todos os meios. Deixaremos de lado os seres que têm o caráter essencialmente material e levam seus pensamentos para mundos onde reina o espírito de lucro ou de luxúria.

Porém, no ser evoluído, o pensamento se elevará muito mais alto.

Vós sabeis que, em vossa Terra, esse pensamento liga-se à pintura dos costumes, à análise dos caracteres, e se traduz em escritos que revestem formas mais ou menos simbólicas. No espaço, o pensamento torna-se naturalmente muito mais livre; ele possui em si mesmo o reflexo exato de todos os sentimentos que, anteriormente, nele puderam se imprimir e impressioná-lo em graus diversos. O espírito, quando está liberto da matéria e chegou a uma certa elevação, pode transmitir seu pensamento diretamente a seres ainda encarnados. Daí os fenômenos da inspiração.

Tomemos, por exemplo, um ser espiritual muito evoluído e que professe o culto da beleza perfeita. Ele reconhecerá na Terra os seres humanos cujo pensamento já se traduz em feixes luminosos. Ele sentir-se-á atraído para esses seres e seu próprio pensamento irá se misturar ao deles; suas moléculas fluídicas vivificarão, de uma forma intensa, as moléculas materiais geradoras que brotam do cérebro do ser que vive no vosso mundo.

Os espíritos escritores se aproximarão dos artistas da pena; os antigos oradores sentir-se-ão atraídos para os mestres da palavra.

Eis a transmissão do espaço para um mundo. Porém, no ser evoluído, o desejo de fazer irradiar seu pensamento através do espaço não é menor que aquele que o atrai em direção aos mundos habitados. Tomemos, por exemplo, um grande pensador da Terra; de regresso ao espaço, ele revelará aos espíritos que o cercam a própria essência das virtudes adquiridas. Depois, lendo nos cérebros dos seres encarnados, ali projetará ondas impregnadas de todas as qualidades do seu pensamento.

É uma obra imperecível esta transmissão através dos corpos fluídicos, porque quando a irradiação do pensamento é intensa, ele impressiona os cérebros de tal maneira que estes guardam sempre a marca da impressão recebida.

Existe uma estreita correlação entre os pensadores da Terra e os do espaço. Certos espíritos passam sua existência no espaço recolhendo essas impressões. Quando, por sua vez, sentem-se capazes de fazer os seres menos evoluídos aproveitarem essas impressões, eles retornam à Terra e então vêm a ser esses grandes escritores, esses grandes poetas e essas pessoas ilustres que ganham a respectiva admiração daqueles que os cercam.

A arte da eloqüência forma-se da mesma maneira, porém com mais sutileza. No orador, as vibrações do espaço são poderosamente sentidas através do organismo, em conseqüência de um trabalho mais intenso, efetuado antes do nascimento, e pela ação de uma vontade muito mais forte. Cada orador, em graus diferentes, possui o dom da intuição, mais ou menos desenvolvido. Em geral, as qualidades de um mestre da eloqüência resultam de uma preparação realizada no espaço, graças à soma das impressões recebidas nesse meio.

Segundo a disposição das moléculas materiais, a arte, no homem de letras ou no orador, é mais ou menos pura. Tendes a prova desse fato considerando-se as diferentes classes de escritores, de poetas, de oradores. No escritor comum, o pensamento ainda é carregado de um materialismo grosseiro. No poeta, o ideal, o símbolo, distinguem-se mais e quanto mais puros mais admiráveis eles são. O mesmo acontece com o orador que, profano ou sacro, consagra seu órgão físico à defesa e à difusão das máximas e dos preceitos que emanam quase de Deus.

As formas de exteriorização do pensamento são tão múltiplas quanto os indivíduos. As categorias de pensadores podem se distinguir no espaço pela intensidade luminosa que se desprende do seu ser fluídico. Vossa palavra, de natureza absolutamente material, é algo desconhecido no espaço; assim sendo, quando um ser retorna

a essa vida, ele deve se submeter a uma nova adaptação e sua linguagem tornar-se-á a da interpretação das cores. Na cor há uma gama de tal modo sutil e variada que as menores modulações podem representar as menores flutuações do pensamento.

Um ser apaixonado pela arte poderá receber e transmitir pensamentos de uma delicadeza infinita e eu vos asseguro que, em minha opinião, a arte no pensamento se aproxima mais de Deus do que as outras artes.

Que delícia é para nós, no espaço, sentir as vibrações de um ser tendo o caráter de uma pureza, de uma elevação notáveis e que se traduzem por radiações de uma tonalidade maravilhosamente rica em átomos fluídicos.

Não retornarei aqui à análise de todos os domínios do pensamento. Eu quis simplesmente vos dar o mecanismo da transferência da arte da Terra ao espaço e seu princípio fundamental no meio das camadas fluídicas. Acrescentarei, e insisto em vos dizer, que o pensamento é, para nós, a coisa mais fácil de se transmitir, porque temos uma verdadeira alegria em ajudar na iluminação moral dos seres que vos cercam.

Vossos cérebros humanos, fechados às sublimes idéias emanadas do Ser Divino, não podem, atualmente, compreender o encadeamento das forças em ação no Universo. Que vos baste saber que o pensamento de Deus atinge todos os seres e todas as coisas, que nenhuma de suas radiações é perdida, e que o nosso papel, de nós, pobres libélulas, é transmitir o melhor de nós mesmos àqueles que podem nos compreender. A arte vem nos ajudar nisso. Portanto, dediquem-se a pensar com arte. Amai aqueles que pensam bem. Porque, estejam certos disto, a própria essência desse pensamento é um reflexo da vida no espaço; lamentem aqueles que não sabem pensar. A arte é uma das formas da beleza e, como o pensamento, ela deve ser o seu veículo, porque a beleza encerra em si mesma os princípios da bondade, da grandeza e da justiça.”

Oitava lição

– Transmissão da arte na Terra
– Os dons inatos

(3 de Fevereiro de 1922)

"Falaremos hoje sobre a transmissão da arte em vossa Terra, a fim de mostrarmos a participação que têm, nas composições artísticas, os espíritos que continuam uma obra cujos elementos se obtêm das fontes fluídicas e se propagam nos meios materiais. Vimos de que maneira, no espaço, um ser evoluído podia, por reflexos, reproduzir por meio de suas qualidades artísticas, temas retirados do domínio da arquitetura, da pintura, da escultura ou do pensamento.

Vós vos lembrais que é graças à faculdade que cada ser fluídico possui, de poder constituir os elementos e os quadros de suas vidas sucessivas, que ele aprende e retém todas as coisas que formam a universalidade divina. Agora eu desejo, deixando de lado o problema da intuição, vos falar do espírito reencarnado que na Terra, por exemplo, quando o desenvolvimento corporal for suficiente, poderá sentir vibrar em seu ser as moléculas fluídicas impregnadas de radiações resultantes de várias vidas no espaço, radiações estas que se podem traduzir, em vossa Terra, por supostos dons inatos que levarão a criatura a uma situação de destaque na categoria dos artistas e dos pensadores.

Tomemos a arquitetura: após ter reunido os elementos do desenho que enriquecerão seu cérebro de materiais capazes de concentrar as radiações, estas, intuitivamente, levarão o ser humano a criar formas ideais, inspirando-se, sem o saber, em imagens, em quadros, que poderão ser reconstituídos pelas radiações ligadas aos seus átomos cerebrais.

Segundo o número de vidas percorridas, segundo a vontade de estudar, de compreender, os átomos serão mais ou menos animados

de uma vida própria e, também de acordo com a flexibilidade de harmonia das linhas que lhe servirão de condutor, a obra criada será mais ou menos rica e elevada.

De um lado, trabalho exterior, aquele que é ensinado durante a vida tangível do ser; de outro lado, fixação de moléculas radiantes, impregnadas das aquisições anteriores. Sobre essas linhas mais ou menos flexíveis, maleáveis, realiza-se uma produção, uma criação do objetivo. O arquiteto, em sua mesa de trabalho, de repente vê aparecerem as linhas, as abóbadas e, segundo sua vontade, um monumento se edifica; são as moléculas que, de acordo com os conhecimentos geométricos adquiridos, agem por extensão sobre os lobos cerebrais do artista e concretizam imagens idealizadas pelo abstrato.

Servi-me do arquiteto como exemplo porque a arte arquitetural é, sob o vosso ponto de vista, a arte mais tangível. No espaço, o espírito percorre mundos infinitos; a arte da linha é para ele a primeira letra desse alfabeto grandioso que nós chamaremos de a gama das formas, dos sons e das cores. O ser vai obter no espaço e nos mundos essas formas necessárias, que serão reproduzidas pela escultura. Para um espírito mais sutil, que ocupa um escalão mais elevado da arte, a pintura será a preferida porque o relevo na pintura é unicamente fluídico e deve ser reproduzido pelo pincel.

O terceiro escalão será o que dará acesso aos pensadores, aos filósofos, aos escritores. Os trabalhos geométricos, dos quais falamos, ali se tornam quase fictícios; sendo a geometria do pensamento simplesmente uma análise cada vez mais sutil dos seres e das coisas.

Em nossa próxima conversa abordaremos a música e eu me esforçarei para vos demonstrar como as inflexões musicais devem e podem sintetizar todas as artes, porquanto elas são o veículo da inspiração que tudo cria e anima.

Em minha vida terrestre, sensibilizei-me por todas as artes: pintura, escultura, música; agora, Deus permite que eu viva nas

esferas onde tudo é vibração e eu desejo vos dar um resumo desta vida celeste.”

Parte V

» Participação do mundo espiritual na obra humana
» Espiritismo, novo e vigoroso impulso ao pensamento

(Maio de 1922)

Em um tópico precedente, vimos que a preponderância da literatura francesa se sustentou por muito tempo. Ela possuía tudo o que seduz e cativa. No entanto, uma evolução se impõe, e chega um momento, na história do pensamento, em que a palavra e o gesto não são mais suficientes para traduzir as emoções da alma. E é nesse momento que o senso musical desperta e entra em ação na própria literatura, que deve ser como um reflexo da harmonia superior. A manifestação dessa tendência marca um grau a mais na ascensão do espírito em direção aos níveis mais elevados, assim como acontece no espaço onde a palavra deixa de ser empregada.

Essa evolução do pensamento e de suas manifestações, sob suas inúmeras formas, arte, ciências, letras, será dirigida por uma participação cada vez mais íntima e profunda do mundo espiritual na obra humana.

A revelação espírita nos proporciona inesgotáveis temas de inspiração e de sensação. Ela nos inicia nas condições de uma vida mais sutil, vida que é a finalidade essencial de toda ascensão e da qual os detalhes introduzem, nos programas de estudos e pesquisas, uma variedade de elementos que estendem ao infinito os limites de nossas concepções, de nossos conhecimentos. Daí resulta, forçosamente, uma fecundação, uma renovação completa de ideal que se desfaria e se alteraria sob o domínio das teorias materialistas ou dogmáticas, domínio que vai ter fim, apesar dos esforços desesperados dos seus partidários.

Assim, o Espiritismo dá ao pensamento um novo e vigoroso impulso. Ele traça, na história dos seres e dos mundos, um círculo

imenso, que permite todos os sonhos, todos os vôos da imaginação; ele abre novas saídas para tudo o que faz o poder, a grandeza, a beleza do Universo.

Até aqui, a forma literária pôde parecer suficiente para exaltar os sentimentos nacionais e tudo o que se relaciona à epopéia das raças humanas e à vida planetária em geral. Ela pôde mesmo parecer excelente e produzir obras-primas que ficarão como monumentos imperecíveis do pensamento e do sentimento. Porém, por mais excelente que ela seja, a literatura torna-se pobre quando se trata de reproduzir as formas superiores da atividade humana.

À medida que seus horizontes se alargam e que a humanidade se comunica com a vida universal, formas mais perfeitas de expressão e de sensação tornam-se necessárias, para responder ao estado vibratório, às radiações crescentes da alma. Uma intuição segura, o instinto do belo, levam o ser espiritual a substituir, na expressão do seu pensamento e no entusiasmo de sua alma, a harmonia pura pela palavra e pela letra. As revelações do invisível o estimulam a empregar, por sua vez, os procedimentos em uso na vida do espaço.

– As qualidades de um belo estilo

O verdadeiro mérito literário, as qualidades de um belo estilo, consistem em provocar o pensamento, as reflexões do leitor, em lhe criar uma atmosfera mental que contribua para desenvolver, para enriquecer suas faculdades, suas forças morais.

Sem dúvida, fazer pensar é nobre, mas o que é mais nobre e mais meritório é elevar a alma em direção às alturas onde todas essas faculdades se desenvolvem na luz e no amor. É ajudá-la a atingir o grau de evolução que lhe permitirá sentir, não mais por seus órgãos materiais, mas em seus sentidos íntimos e profundos, as alegrias, as satisfações da vida superior; sentir essa vibração suprema que enche o Universo, segundo o ilustre *Esteta*, e que provoca a comunhão definitiva com o pensamento divino, o êxtase na beleza compreendida e realizada.

– Teatro, meio de educação intelectual e moral; sua decadência

As obras verdadeiramente belas e importantes tornaram-se raras entre os modernos, seja nas letras ou mesmo no teatro. Este poderia ser um poderoso meio de educação intelectual e moral, pela elevação dos pensamentos, dos sentimentos, pelos nobres exemplos postos diante do público.

Porém, em lugar da sua missão grandiosa e benfazeja, o teatro tornou-se muito freqüentemente um método para favorecer as paixões doentias, excitar os sentidos. Em todos esses casos, ele se torna a obra de céticos gozadores, ignorantes ou descuidados do verdadeiro objetivo da vida; é a espuma brilhante e insalubre, o fruto mórbido de uma civilização deformada pela sedução do prazer e das riquezas.

Quantas vezes, atraído pelo título de uma nova peça, por um brilhante cartaz, fui aos maiores teatros parisienses, na esperança de ali encontrar um alimento substancial no decorrer de uma noite bem empregada. Pobre de mim! minhas decepções não se contam mais. Em lugar da substância fecunda que eu esperava, eram cenas banais ou equívocas que se desenrolavam diante de meus olhos. Muita engenhosidade ali se empregava, sem dúvida. As palavras espirituais brotavam em feixes cintilantes ou flutuavam, como bolhas de sabão irisadas, sob as luzes da ribalta[36], mas que o menor sopro arrasta sem deixar nenhum traço na lembrança nem na consciência do espectador, porquanto, o pensamento elevado, o exemplo encorajador, o ensinamento consolador sempre se encontravam ausentes. Além disso, a impressão que dali emanava era a de um vazio ou de impotência, quando não era ainda pior.

É preciso devolver ao teatro a sua dignidade, reconstituir o ideal da cena desonrado por autores inaptos e corrompidos.

Com o espetáculo mudando costumes e meios sociais, que constituem a trama da comédia, é preciso saber escolher o que pode elevar as inteligências e os corações. No entanto, como em nossos autores contemporâneos o que domina é sempre o tema do amor

culpado, do amor doentio, assim se aguçam os apetites carnais, alimentam-se as paixões, precipita-se a decadência do teatro e trabalha-se para a corrupção geral.

Parece que nossa época tem um gosto particular pelos tóxicos. Na ordem material, esse gosto se traduz pelo uso imoderado do álcool e do tabaco, até mesmo do ópio, do éter e de outras drogas maléficas, de tudo o que provoca as desordens físicas, arruína a saúde, faz a raça definhar. Na classe intelectual, esse gosto se manifesta por uma espécie de predileção por uma literatura e espetáculos pervertidos. Aqui o mal é ainda mais grave, porque é a consciência, o senso moral, a dignidade do homem que são atingidos. E daí resulta uma expansão dos apetites sensuais, uma orientação defeituosa da vida e das faculdades.

Eis por que convém procurar todos os meios de elevar as almas, os pensamentos, em direção a essas regiões em que as emanações do alto varrem todas as impurezas.

Desses cumes radiosos, contempla-se e penetra-se melhor a essência das coisas e de lá se desce com a soma de energia necessária para prosseguir nas lutas deste mundo e afastar de si as tentações perigosas, os prazeres aviltantes.

– A poesia
– A música, seu papel na inspiração profética e religiosa

A poesia, na realidade, é apenas uma forma de música. Ela é submetida às mesmas leis do ritmo, da vibração, que são as leis da vida em seus estados superiores.

A Antigüidade, criadora do gênero, havia compreendido. O poeta antigo era, ao mesmo tempo, cantor e músico. Porém, atualmente, a poesia não é mais que uma das formas da literatura. Como todas as manifestações da arte em geral, ela perdeu seu caráter augusto, para cair na banalidade. Somos inundados por um dilúvio de versos sem elevação e sem beleza.

Ora, o verso não suporta a mediocridade. E é por isso que, na Idade Média como em nossos dias, escritores de grande talento, Dante[37], Lamartine, Victor Hugo e outros, puderam conservar na poesia o seu brilho, o seu caráter de grandeza e salvá-la de uma queda irremediável. Para exprimir o sublime ideal, todas as palavras são impotentes. Chegando a uma certa altura, o pensamento encontra apenas termos humanos, apropriados às exigências do nosso plano inferior, mas incapazes de traduzir as impressões da vida superior. E é isso que *o Esteta* lamenta. Desde que a insuficiência da linguagem humana se revela, a música, com seus recursos infinitos, torna-se a única forma que se adapta à eterna beleza do Universo, a única forma de exprimir as sensações da alma radiosa, fundindo-se com o pensamento divino.

A palavra, quando está unida à música, pode dar ao pensador uma forma de expressão mais intensa, mais penetrante. Porém, nos nossos dias, a aplicação desse método tornou-se muitas vezes bem vulgar. A romança[38], a canção[39], tinham, ainda recentemente, o seu encanto, o seu sabor. Hoje, sob a influência de certos meios públicos, a canção não é mais que uma profanação, um aviltamento da idéia.

Porém, quando das cloacas impuras onde mãos sacrílegas a têm enlameado, a música se eleva em direção às alturas radiosas do pensamento e da poesia, ela se torna apta a traduzir os mais nobres sentimentos. Ela se acha em seu elemento. Lá, tudo são ondas, vibrações, harmonias, luz. Eis por que a poesia, para permanecer no seu verdadeiro papel, deve se inspirar nas leis da harmonia musical e reproduzi-las com fidelidade.

A música, nós o sabemos, desempenha um grande papel na inspiração profética e religiosa. Ela coloca ritmo na emissão fluídica e facilita a ação dos espíritos elevados. Eis por que ela tem seu lugar nas reuniões espíritas, nas sessões em que é bom precedê-las por um hino apropriado às circunstâncias. Muitas vezes os guias dos grupos exortam os assistentes a entoar um cântico para facilitar as manifestações. Porém, até agora, é preciso confessá-lo, os

espíritas se encontram muito carentes desse tipo de música e são obrigados a recorrer a cânticos vulgares, a banalidades indignas do objetivo pretendido. É com uma dolorosa impressão que temos constatado, mais de uma vez, a penúria dos recursos musicais em uso nos grupos espíritas. Eis por que compomos um hino dedicado "aos invisíveis" e cuja música se deve a uma senhora que possui um certo senso estético e é plena de boa vontade. Mas eis que o senhor A.F., compositor muito conhecido, acaba de obter do Espírito Beethoven, por intermédio de um médium, um cântico espírita digno por completo do autor, e que em breve será divulgado. Os espíritas possuirão, finalmente, uma invocação musical em harmonia com suas idéias e suas aspirações.

– Influência da música sobre todos os seres
– A canção e o povo
– *O Esteta*, sua personalidade

Em toda obra pretendida – literatura, poesia, arte –, a escolha dos meios deve ser apropriada à grandeza do objetivo.

Na verdade, a poesia está em toda parte onde a colocamos. Ela não se exprime somente pelo verso; ela pode impregnar todas as formas da linguagem escrita ou falada, todos os aspectos da arte. A poesia é a expressão da beleza propagada em todo o Universo. É o ardor comunicativo da alma que compreendeu, alcançado o sentido profundo das coisas, a lei das supremas harmonias e que busca penetrá-la em outras almas, pelos meios que lhe são próprios.

Todos os seres são sensíveis à música. Até os animais recebem a sua influência. Conhece-se a lenda de Orfeu, atraindo com a sua lira e agrupando, ao redor dele, as feras da floresta. Os próprios insetos sentem as vibrações. Quando me ponho ao piano, as moscas voam em torno de mim de uma forma particular.

O poder da música também se demonstra pela influência da canção sobre o povo. Ela é a companheira do trabalho, o apoio do esforço paciente e repetido, a alegria do lar, porque exalta as forças e os sentimentos do ser humano. Portanto, a canção também

poderia ser um meio de elevação, porém, nós já o vimos, em nossos dias a canção se arrasta, muito freqüentemente, em terreno lamacento e perde todo o caráter regenerador.

As duas últimas lições de *o Esteta*, que se encontrarão mais adiante, nos levam em direção às serenas alturas da arte. Elas terminam a série de comunicações que recebemos desse grande espírito, do qual conhecemos agora a personalidade.

Ele foi um dos mais eminentes artistas da Renascença italiana, ao mesmo tempo arquiteto, pintor e escultor. A música também não lhe foi estranha. Hoje ele vive nas esferas superiores onde o Belo e o Bem reinam sem reservas; nelas ele procura a realização das suas grandiosas concepções. Nossos guias nos dizem que devemos considerar como um favor único a participação de *o Esteta* em nossos trabalhos, assim, queremos expressar-lhe toda a nossa gratidão, bem como ao poder soberano que permitiu tal intervenção.

Em breve, falaremos sobre música e daremos as lições do Espírito Massenet consagradas mais especialmente a essa grande arte. Graças a essas lições, um raio de luz da vida celeste penetrou em nossa obscuridade e nossas débeis tentativas humanas adquiriram mais relevo e mais amplidão.

Nona lição

– A música e a transmissão do pensamento artístico
– Perispírito, receptor das ondas musicais

(10 de Fevereiro de 1922)

"Hoje falaremos sobre a música do espaço, considerada como meio de transmissão do pensamento artístico. Sei que um outro espírito, mais perto de vós[40], já tentou vos fazer compreender a forma como as ondas, que chamais de musicais, são criadas e

depois transmitidas através do espaço, para chegarem aos diferentes mundos. Já vos disseram que o que chamais de sonoridades para nós é comparável às cores que, transportadas em moléculas fluídicas, percorrem os campos vibratórios e vão comunicar aos seres impressões semelhantes àquelas que vossos ouvidos percebem quando ouvis uma gama de sons harmonizados neste ou naquele grau de vibrações.

Na Terra, quando uma nota é tocada, se ela provém do tom maior, essa nota vos transmite uma sensação de alegria plena e irrestrita. Se ela é em tom menor, ao contrário, vosso cérebro receberá uma sensação de profundidade, algumas vezes de tristeza ou de grande dor, de acordo com a modulação dos acordes e o número de notas tocadas.

Portanto, a esses dois grandes princípios, maior e menor, correspondem duas sensações: alegria e dor. Entre essas notas, tendes uma infinidade de combinações que, por isso mesmo, formarão imagens. Assim como o escultor forma uma imagem virtual, o grupo de notas, os acordes, conforme sejam moduladas em tom maior ou menor, formarão por seu estilo uma série de pensamentos, que se tornam mais ou menos compreensíveis, segundo a evolução dos modos[41] da música. Eis aqui um ponto estabelecido: as artes plásticas formam imagens e a arte das ondas musicais forma, igualmente, imagem, mas uma imagem mais sutil, da qual o teor é mais frágil e a compreensão mais delicada. Segundo o grau de evolução dos seres, essa compreensão será mais ou menos profunda. É por isso que muitas vezes, na vossa Terra, um ser de uma cultura média será impressionado, enquanto que seu cérebro ficará refratário quando ele quiser servir-se do alfabeto para exprimir seus pensamentos por meio de ondas que qualificais de musicais.

No espaço, como sabeis, não temos instrumentos, são nossos perispíritos que recebem as ondas transmissoras do pensamento musical. Também será preciso impregnar diretamente os seres que devem receber ondas dessa natureza. Como os outros artistas, o

espírito evoluído no sentido musical, e que pode experimentar sensações infinitamente suaves e sutis, também pode transmiti-las com a ajuda de vossos instrumentos e por intermédio do cérebro de um dos vossos executantes.

A matéria, para ser posta em movimento pelas ondas fluídicas, necessita de um intermediário, que será o vosso cérebro, o qual, em decorrência, age como um pólo atrativo e uma placa sensível, de onde partem todas as irradiações que emanam dos fluidos.

Vossos grandes músicos podem, como os outros artistas, receber a inspiração, seja do espaço, seja como resultado de trabalhos anteriores. É exatamente o mesmo fenômeno que se produz com os outros artistas.

No espaço nossos meios são muito mais rápidos que os vossos; não temos necessidade de instrumentos para trocar pensamentos, e nossa música é toda de impressões, agindo diretamente sobre a parte mais sensível do nosso ser fluídico, aquela que contém, em diversos graus, a centelha divina e que, entre vós, é representada pelo órgão do coração.

As outras artes se refletem por imagens esculturais ou pictóricas, que são as formas de transmissão de pensamento e, para nós, substituem a palavra. A música é uma impressão especial que invade todo o nosso ser fluídico, lança-o no êxtase, na beatitude, faz com que ele sinta sensações de alegria, de quietude, de angústia, de desgosto, de dor, de pena, de remorsos. Tal é, mais ou menos, a gama de todas as sensações ascendentes e descendentes, que vão do rosa ao preto; o preto representando o nada.

Compreendeis, por conseguinte, sob o ponto de vista puramente artístico, que sensações infinitas podem agir sobre um espírito já evoluído. Agora podeis, na Terra, preparar-vos para receber essas sensações no Além, afastando de vós qualquer satisfação material e sensual. Procurai as atrações artísticas, por mais pobres que sejam; enriquecei vosso pensamento, dai aos vossos nervos um alimento de fortes vibrações; enchei vosso cérebro de sensações que, no vosso mundo, se traduzem por estudos analíticos de vossas vidas

terrestres. Tudo isso, um dia, repercutirá no espaço, ao cêntuplo, porquanto as vibrações armazenadas em vosso ser carnal despertarão e atrairão, como uma lira com mil asas[42], todas as sensações atrativas que podem gerar os sentimentos mais harmoniosos, os mais elevados, que circulam nas correntes que emanam diretamente da esfera divina.

É o mais alto grau da arte, uma sensação artística infinita.

Vossas pobres criaturas não podem experimentar as alegrias inefáveis que sentimos quando essas sensações vêm tocar nossos espíritos extasiados.

Que são essas sensações? Tentarei, como conclusão, dizer-vos, com a permissão de Deus, o que elas podem ser. Isso não será fácil, porque seria vos abrir uma visão direta sobre a obra divina. Vossos guias vão orar. Espero poder vos dar, em algumas palavras, uma idéia dessa grande obra de beleza, de luz e de harmonia."

Décima e última lição

– As sensações artísticas e os espíritos elevados
– Ação do foco divino
– Arte, meio de sentir a grandeza de Deus

(17 de Fevereiro de 1922)

"O tema final das nossas conversas torna-se mais e mais delicado e os elementos que encontro no médium são de tal modo restritos que devo vos pedir que me desculpem a pobreza das expressões empregadas. Iremos quase entrar e planar no domínio divino.

Hoje, eu queria poder entreabrir uma janela sobre esse azul celeste, que é o centro de todas as radiações e resume, para vós, todas as virtudes, todas as potências intelectuais e morais.

Comprovastes, em vossas vidas humanas, que cada ser possui, em graus diversos, seja por intuição, seja como resultado da sua vontade, qualidades que ele adquiriu na Terra, em vidas anteriores ou por aspirações em direção às esferas fluídicas divinas.

Atrevo-me a vos dizer que o Ser divino é um centro radiante, composto de todas as coisas e compondo cada coisa.

Vossas imaginações terrestres não podem compreender isso. Aliás, não é necessário, visto que, em vosso plano, não tendes a obrigação de vos colocardes mais alto do que a evolução vos permite. Porém, do espaço, temos uma sensação mais forte de que existe uma esfera, um campo de ação no qual as ondas fluídicas impressionam e fazem vibrar, em nosso plano, os seres espirituais, em vosso plano, os seres corporais, e que representa o poder, a beleza, a harmonia do divino. Essa harmonia é a própria essência da arte; é ela que, empregada na medida certa, faz vibrar os cérebros dos gênios e põe em ação as inteligências em fase de evolução, por um trabalho e uma vontade firmes e racionais. Essas esferas abrem a entrada do campo divino. Nós podemos representá-lo melhor que vós, no entanto ainda não podemos nos fundir nele.

Eu queria abrir inteiramente a janela para vos comunicar o pensamento divino, para vos dizer de que forma e por qual irradiação fluídica integral a obra criadora prossegue, porém, não está ao meu alcance abrir completamente a porta para esse azul criador. Portanto, é apenas por uma pequena abertura que posso comunicar aos vossos cérebros e aos vossos corações o que eu mesmo sei.

O foco divino, então, está em ação constante e regular, criando o movimento universal. É por meio dele que as criaturas nascem, vivem e se transformam, segundo a pureza dos elementos físicos empregados. A irradiação divina se faz sentir mais ou menos intensamente sobre as moléculas que aprisionam seu espírito.

O corpo humano é mais ou é menos perfeito. Há uma questão de atavismo, uma questão de atração espiritual nos meios mais puros ou menos puros que os ditos corpos atravessam. As criações

provindas do campo divino são de uma elevação grandiosa. À medida que nos aproximamos dele, compreende-se melhor o funcionamento desse grande organismo que é o Universo.

É um fato indubitável que, quando o conjunto de rodas de uma máquina não se move continuamente, elas chegam a se cobrir de uma ferrugem que impede seus eixos de funcionarem regularmente. A ferrugem se traduz entre os seres organizados por uma influência dos caprichos e das esquisitices inerentes aos meios inferiores e, quando há excessos, pela influência das imperfeições e dos vícios.

É assim que se degenera o bem, mas ele pode reviver ao contato das fontes puras, assim como alguém que trabalhe em mecânica de precisão pode recolocar sobre seus eixos um instrumento que não funcionava mais.

Por uma vontade sempre firme, por um apelo direto, aspirai, portanto, as irradiações vivificantes, assim podereis vos manter em relação com os feixes fluídicos que emanam do campo divino e que vivificarão, por sua ação, as partes dos vossos seres contaminadas pela ferrugem dos defeitos e dos vícios. É por essas relações, quase constantes, com esses feixes fluídicos, que o ser, em um mundo ou no espaço, conserva aptidões, meios de elevação, intuições que formam o sentido genérico da palavra arte.

É por isso que cada ser deve ter cuidado com o seu progresso e conservar em si mesmo esse pólo atrativo que, se traduzindo virtualmente por capacidades correspondentes aos seus desejos, será mais, ou menos, apaixonado pela arte. Esta palavra, arte, quase mágica, significa: irradiação emanando de um campo supracósmico; essa irradiação mantém em nosso mundo a luz, a grandeza, o poder, a beleza, a bondade, que emanam do foco que forma o centro do campo fluídico divino.

Eu falei, em uma conversa anterior, desse ponto mais sensível do organismo humano que se chama coração. É do coração que parte a vibração que, espalhando-se em todo o vosso ser, lhe fornece os meios de exteriorizar pensamentos nobres e elevados. Porém, analisai bem essa vibração, refleti e compreendereis que

quando um sentimento generoso faz vibrar o vosso coração, é porque ele recebeu no mesmo instante, por uma onda emanada do divino, o impulso de um nobre e generoso sentimento.

É graças a uma evolução racional em planos diferentes, em mundos diversos, que os seres se depuram gradualmente. O que se faz em torno de vós far-se-á muito mais em torno dos seres, dos mundos, das esferas.

Para concluir nossas palavras, a arte é, para o ser humano, o chamado do campo divino. Quanto mais um ser, por sua vontade e por seus atos, se aproxima de Deus, mais ele está apto a sentir os eflúvios e as vibrações divinas. Segundo sua evolução, essas vibrações se traduzirão por criações de virtudes, com a palavra virtude sendo tomada em um sentido bastante geral. Em minha consciência ela significa tudo o que é digno de ser amado. A arte, portanto, é um dos meios de se sentir a grandeza de Deus. Devemos agradecer ao Criador por nos deixar sempre em relação com ele, e temos que nos tornar cada vez mais dignos disso. É preciso venerar e amar a arte, porquanto, através da imensidão do espaço, ela é a mensageira da imortal irradiação e do movimento divino universal.

Guardemos no mais profundo do nosso ser esse ponto sensível, que é para nós um dos pólos de comunicação com o nosso Criador. Quer estejamos munidos de um corpo carnal ou de um invólucro espiritual, a irradiação divina sempre chega até nós, quando não deixamos na inação, por uma inércia repreensível, essa máquina que deve servir de transmissão aos fluidos e às ondas divinas. O ser evoluído tem a alegria de ajudar no aperfeiçoamento e na preservação de seres mais materiais.

A arte, mensageira do divino, é a chama que jamais deve se apagar, ela deve nos fazer compreender que a beleza e a glória de Deus são infinitas. Pode haver arte mesmo nas mais pequenas ações se, adaptando-se ao meio onde age, a irradiação divina que se exterioriza espalha ao seu redor uma chuva de ondas benéficas.

Como há evolução nos seres, há evolução nas artes. Vós tendes os primitivos nas artes, assim como nas ações e nas virtudes,

porém, a centelha sempre brilha nas condições em que ela pode se manifestar para confirmar a grandeza de Deus.”

Parte VI

» A Música (Parte 1)

– A música nas esferas superiores

(Julho de 1922)

A música é a voz dos céus profundos. No espaço tudo se traduz em vibrações harmônicas e certas classes de espíritos comunicam-se entre si apenas por meio de ondas sonoras.

Na Terra, a sinfonia e a melodia não são mais que ecos débeis e deformados dos concertos celestes. Nossos instrumentos, mesmo os mais perfeitos, sempre têm qualquer coisa de mecânico e de áspero, enquanto que os sistemas de emissão do espaço produzem sons de uma delicadeza infinita.

Eis por que, em todos os graus da escala dos mundos e da hierarquia dos espíritos, a música tem um lugar importante nas manifestações do culto que as almas rendem a Deus. Nas esferas superiores, ela se torna uma das formas habituais da vida do ser, que se sente mergulhado em ondas de harmonia de uma intensidade e de uma suavidade inexprimíveis.

Por ocasião das grandes festas no espaço, dizem nossos guias espirituais, quando as almas se reúnem aos milhões para prestar homenagem ao Criador, na irradiação de sua fé e de seu amor, delas escapam eflúvios, radiações luminosas, que se colorem de cores combinadas e se convertem em vibrações melodiosas. As cores se transformam em sons e, dessa comunhão dos fluidos, dos pensamentos e dos sentimentos, emana uma sinfonia sublime, à qual respondem os acordes longínquos vindos das esferas, dos astros inumeráveis que povoam a imensidão.

Então, do alto descem outros acordes, mais potentes ainda, e um hino universal faz céus e terras estremecerem. Ao perceber esses acordes, o espírito se desenvolve, se expande; ele sente que vive na

comunhão divina e entra em um arrebatamento que chega ao êxtase.

– A percepção das harmonias do espaço
– Melodias ouvidas na hora da morte

Sobre a Terra, a sinfonia é a forma mais alada da música. Quando esta é aliada a palavras, ela parece a Vitória Áptera[43], que rastejava sem poder levantar vôo e planar no alto. A música ligada a palavras perde um pouco do seu prestígio e da sua amplidão. No entanto, a melodia nos acalenta, nos seduz, nos encanta; ela grava em nossa memória motivos que gostamos de repetir e que nos consolam nas tristezas de cada dia. Essa música, porém, parece bem pobre se a compararmos às harmonias do espaço; para entender e apreciar estas harmonias é preciso possuir sentidos psíquicos bastante desenvolvidos.

Vimos mais de uma vez, nas sessões, grossas lágrimas rolarem sobre as faces de certos médiuns, que percebiam os ecos da sinfonia eterna.

O médium G. Aubert, ainda que ignorante em música, em um completo estado de automatismo, toca no piano sonatas, árias inéditas e variadas, nas quais se reconhece o estilo de Beethoven, o de Bach[44], o de Chopin[45], o de Berlioz[46], etc. A maior parte dos compositores célebres afirma que, em suas horas de recolhimento, ouvem vozes, sons, que não provêm da Terra.[47]

Durante as famosas sessões dadas por Jesse Schefard, médium escocês, em todas as grandes capitais e diante de várias cortes soberanas, bem como nas sessões do Dr. San Ângelo, em Roma, ouviam-se coros celestes e acordes de numerosos instrumentos invisíveis. Os solos[48] permitiam reconhecer as vozes dos cantores e cantoras falecidos.

A Sra. de Koning-Nierstrass relata uma de suas sessões,[49] nos seguintes termos:

“Jesse Schefard se hospedou em minha casa, em Haye, por cerca de seis semanas. Uma noite, eu e alguns amigos estávamos reunidos. O médium, tendo se levantado em meio-transe, colocou-se ao piano. Batidas ressoaram de todos os lados, luzes voltejavam no ambiente como borboletas... De repente, vozes de homens e de mulheres encheram o ar. Era um coro que entoava uma espécie de cântico; o *Hosana* e o *Glória a Deus* foram ouvidos por todos nós. Ora era um coro, ora vozes de mulheres, o soprano dominando todo o canto. Sentada perto do médium, constatei que ele não havia aberto a boca.

Dois dias depois, uma de minhas vizinhas me disse: ‘Ah! senhora de Koning, desfrutei do belo concerto que houve na outra noite na vossa casa, que músicos e que lindo coral se fizeram ouvir!’ E eu lhe perguntei: ‘A senhora ouviu uma voz de cada vez ou todo um coro?’ ‘Um coro, respondeu a senhora, eu percebia bem distintamente o soprano. Quem é que cantava tão maravilhosamente?’”

Esse testemunho espontâneo destruía qualquer hipótese de alucinação.

A respeito da música dos espíritos, lê-se na Introdução de *Ensinamentos Espiritualistas*, de Stainton Moses, professor da Faculdade de Oxford, a descrição de fenômenos obtidos em uma sala em que não havia piano, violino ou qualquer outro instrumento.

“Um som se produzia, excessivamente difícil de se descrever. Ele se parecia com o suave som de um clarinete, aumentando de intensidade e diminuindo novamente, descendo até a primeira emissão abafada, por vezes também se extinguindo em um longo lamento melancólico. Jamais tendo ouvido algo que se aproxime desse som verdadeiramente extraordinário, só posso lhe dar uma descrição muito imperfeita; é preciso observar que obtivemos dele apenas notas isoladas e, no melhor dos casos, ritmos isolados. Os agentes invisíveis atribuíam esse fato à organização antimusical do médium.”

Aliás, lê-se em *Light*, de 30 de abril, as seguintes narrações, que mostram uma outra modalidade dessas manifestações, obtidas à cabeceira de moribundos e percebidas por outras pessoas presentes.

"Muitos livros foram escritos sobre as visões de moribundos e os acontecimentos extra-normais observados no momento da morte. Entre os casos mais interessantes, pode-se citar o do pequeno prisioneiro do Templo: Luís XVII[50]. Beauchesne conta que poucos instantes antes da morte do jovem príncipe, perguntaram-lhe se sofria muito. Ele respondeu: 'Sim, sofro, mas não muito, a música é tão bela'. Fizeram-lhe perguntas referentes a essa música que pessoa alguma ouvia, mas ele persistia em dizer: 'É tão bela, eu a ouço', e se admirava que ninguém a ouvisse."

Há, também, o caso de Jacob Boehme[51], cuja partida da Terra foi acompanhada da mais suave melodia, a qual ele foi o único a ouvir e a proclamar divina. Para Goethe, ao contrário, os sons que ele percebia em seu leito de morte, quando gritava; "Luz, mais luz ainda", foram ouvidos por aqueles que se encontravam perto dele.

Chegam-nos de todos os lados da Inglaterra narrações sobre essas melodias do Alto, ouvidas pelos moribundos e freqüentemente por aqueles que os assistem.

"A Sra. Leaning nos escreve: 'Quando Lily Sewell morreu, sons harmoniosos foram ouvidos, pareciam proceder de um canto do quarto e isso durante os dois dias que precederam a morte. A criança não ouviu nada, mas seus pais, sua irmã e a empregada os perceberam, e no terceiro dia, quando a criança morreu, o som se suavizou, tornou-se semelhante ao som de uma harpa eólica[52], saiu do quarto, passou pela casa e se afastou gradualmente."

Um professor de Eton[53], em 1881, estando ao lado de sua mãe, ouviu, alguns minutos após ela ter morrido, a suave música de três vozes infantis, cantando um hino de uma forma tão penetrante que um ser humano não poderia tê-lo feito. Duas pessoas presentes, e o médico que lá se encontrava, também a ouviram e abriram uma janela para descobrir de onde vinham esses sons maravilhosos.

O Dr. Kenealy conta, assim, a morte de seu jovem irmão: “Seu quarto se abria para uma grande e bela paisagem, emoldurada por verdes colinas. Perto do seu leito, várias pessoas da família estavam sentadas, assim como o médico; era quase meio-dia, o Sol brilhante iluminava o quarto, o ar era puro e transparente; de repente, ouvimos uma melodia divina elevar-se bem perto de nós: era uma voz melancólica e celeste de mulher, voz cujas modulações não podem se descrever. Isso durou alguns minutos, depois fundiu-se, como o encrespamento das ondas sobre a areia, ora ainda ressoando, ora apenas murmurando, depois fez-se o silêncio. Quando o canto começou, a criança entrou em agonia e, ao último murmúrio, sua alma partiu.”

Por fim, anotamos este caso descrito por H. Rooske de Guilford: “Há alguns anos, minha irmã e eu tivemos uma experiência que foi uma grande ajuda para nós na vida. Nossa mãe estava gravemente enferma, o médico e a governanta sabiam que seus sofrimentos chegavam ao fim. Uma noite em que a minha irmã a velava com a governanta, ouviu, de repente, o mais belo, o mais majestoso dos coros, cantando por vozes como jamais ela havia ouvido assim, tão celestes. Virando-se para a governanta, ela lhe pergunta: ‘Estais ouvindo?’ E ela respondeu: ‘Não ouço nada.’ Eu estava deitado no quarto vizinho, esgotado por longas vigílias e cruéis inquietações; os sons celestes me despertaram de um profundo sono, saltei da minha cama e corri ao quarto de minha mãe, perguntando: ‘De onde vem essa música maravilhosa?’ De repente, os sons cessaram e nos aproximando da cama, vimos que a doce alma havia partido com a divina melodia.”

– Poder e ação das vibrações sonoras

Vê-se, pelos fatos acabados de narrar e pelo que as lições de *o Esteta* afirmam, que o poder das vibrações sonoras se revela sob mil formas. À medida que o homem penetra mais no conhecimento do Universo e da sua estrutura íntima, a lei que o rege, que é da harmonia musical, aparece-lhe em seu princípio, assim como em

seus maravilhosos efeitos. É por ela que se edificam e se perpetuam toda a arquitetura dos mundos, todas as formas da vida universal. Pode-se perceber isso por uma simples experiência. Não é curioso, por exemplo, seguir sobre a placa de vidro ou de metal salpicada de areia e posta em contato com um instrumento de cordas, as formas geométricas, os desenhos delicados e complicados que resultam de cada nota e de cada acorde?

No estudo da arte, não é preciso deixar-se desgostar por uma aridez aparente e superficial. O exame atento, a análise constante de todo tema estético, revela-nos atrativos insuspeitáveis e contribui para nos iniciar na lei geral do belo. Pode-se comparar esse exercício mental à subida de uma montanha de aspecto áspero e escarpado, mas da qual cada depressão do terreno contém maravilhas ocultas e que, do seu cume altivo, nos faz descobrir o conjunto harmônico das coisas que se desenvolvem sob os nossos olhares.

Todos os homens podem e devem se interessar por essa questão, porque ela lhes reserva alegrias intelectuais bem superiores a tudo o que os prazeres mentirosos proporcionam.

O mais humilde operário tem em seu pensamento uma saída possível em direção à compreensão do Belo, e aí ele sempre encontrará novos recursos para aperfeiçoar sua própria obra. A arte dentro da profissão é um encaminhamento à arte superior. Cada um trabalha com um gênero particular de beleza mas, na sua finalidade ascensional, todas as almas se expandem numa concepção radiosa da universal e eterna beleza.

A dissociação da matéria e a ação das forças intra-atômicas dão nascimento a uma nova ciência que, ao se desenvolver, abre, ao espírito humano, perspectivas mais amplas sobre a obra do Cosmos.

Em breve se reconhecerá o misterioso laço que une o pensamento, a vontade, à vibração, e que faz da vibração o agente do pensamento e da vontade, a fim de se construírem as inumeráveis formas que povoam a imensidão.

Em resumo, o som, o ritmo, a harmonia, são forças criadoras. Se nós pudéssemos calcular o poder das vibrações sonoras, avaliar sua ação sobre a matéria fluídica, sua forma de agrupar os turbilhões de átomos, chegaríamos a um dos segredos da energia espiritual.

No entanto, é suficiente observar, na experiência que acabamos de citar, as figuras geométricas traçadas pela voz humana ou pelo arco de um violino sobre a placa de vidro recoberta de areia fina, para compreender, por comparação, como o pensamento divino, que é a vibração mestra e a suprema harmonia, pode agir sobre todos os planos da substância e construir as formas colossais das nebulosas, dos sóis, das esferas, e fixar sua trajetória através dos espaços.

O espetáculo da vida universal nos mostra, por toda parte, o esforço da inteligência para conquistar e realizar o belo. Do fundo do abismo da vida, o ser aspira e sobe em direção ao infinito das concepções estéticas, à ciência divina, aos cumes eternos onde reina a beleza perfeita. O esplendor do Universo revela a inteligência divina, assim como a beleza das obras de arte terrestres revela a inteligência humana.

Parte VII

» A Música (Parte 2)

– A arte e a mediunidade
– O poder terapêutico da arte musical

(Agosto de 1922)

A música desperta na alma impressões de arte e de beleza que são a alegria e a recompensa dos espíritos puros, uma participação na vida divina em seus encantos e seus êxtases.

A música, melhor que a palavra, representa o movimento, que é uma das leis da vida; eis por que a música é a própria voz do mundo superior.

Para exprimir os esplendores da obra universal é necessária a beleza suprema da forma. Dissemos que nem a poesia, nem a música suportam a mediocridade. No entanto, apesar da indigência estética do nosso tempo, é preciso reconhecer e louvar os esforços de alguns autores que, em suas tentativas, se aproximaram do ápice e conseguiram realizar obras onde passa uma inspiração, uma radiação da beleza soberana. Pela ópera, notadamente, conseguiram mover a fibra dos entusiasmos generosos nas almas.

Isso porque, para gerar, para produzir obras geniais capazes de elevar as inteligências até os pontos mais altos do pensamento, até o ideal de beleza perfeita, é preciso, inicialmente, criar a si mesmo, edificar sua própria personalidade e torná-la capaz de experimentar, de compreender os esplendores da vida superior e a eterna harmonia do mundo.

Que forças, que emanações, que consolações, que esperanças podemos passar a outras almas, se em nós mesmos temos apenas obscuridade, dúvida, incerteza e fraqueza? O que se poderia esperar de espíritos céticos, fechados a todas as impressões elevadas, surdos a todas as vozes, a todos os ecos do Além?

A miséria estética da nossa época explica-se pela impotência da alma contemporânea em conceber uma fé esclarecida, uma concepção maior e mais elevada da beleza universal.

Por conseqüência, deve-se apreciar as exceções que se produzem e o entusiasmo de raros autores que se esforçam para conduzir a opinião em direção às regiões do ideal.

Porém, à medida que um novo ideal desperta e os focos do espiritualismo se acendem sobre todos os pontos da Terra, veremos eclodir e desenvolver-se nas almas um reflexo mais poderoso dos esplendores da vida invisível, tal como a revelam os ensinamentos dos nossos amigos do Além. E isso será o sinal de uma floração de obras, o ponto de partida de uma era artística que suplantará em grandeza e em riqueza a obra dos séculos que a precederam.

Sem dúvida, o espetáculo do mundo terrestre e da vida humana, com seus contrastes marcantes, nos oferece uma variedade suficiente de quadros, de imagens, de cenas – amores e ódios, paixões e dores – para inspirar obras fortes, como as que o passado nos legou. Porém, que serão esses temas, por mais ricos que sejam, comparados ao imenso panorama que a revelação espírita e suas descrições da vida dos espaços desenrola aos nossos olhos? Em que se transformam as peripécias de uma existência humana ao lado dos amplos horizontes do destino da alma em sua ascensão através do ciclo dos tempos e dos mundos? E as alegrias, as provações, as quedas, os reerguimentos, a descida no abismo e o bater de asas na luz, os holocaustos que são uma reparação, um resgate, as missões redentoras, a participação crescente na obra divina?

Quem contará as poderosas harmonias do Universo, harpa gigantesca vibrando sob o pensamento de Deus, o canto dos mundos, o ritmo eterno que embala a gênese dos astros e das humanidades! Ou a lenta elaboração, a dolorosa gestação da consciência por meio de estágios inferiores, a trabalhosa construção de uma individualidade, de um ser moral! Quem narrará a conquista da vida, sempre mais ampla, mais plena, mais serena,

mais iluminada pelos raios de luz do alto; a caminhada de cume em cume buscando obter a felicidade, o poder e o puro amor!

Esses importantes temas estão ao alcance de todos. Em todo poeta, artista, escritor, existem insuspeitáveis germes de mediunidade e que apenas pedem para eclodir; por eles o obreiro do pensamento entra em relação com a fonte inesgotável e recebe sua parte de revelação. Essa revelação de estética apropriada à sua natureza, ao seu gênero de talento, ele tem por missão exprimi-la sob formas que farão penetrar na alma das multidões uma vibração das forças divinas, uma radiação do foco eterno.

É na comunhão freqüente e consciente com o mundo dos espíritos que os gênios do futuro irão haurir os elementos de suas obras. Presentemente a penetração dos segredos da sua dupla vida vem oferecer ao homem a ajuda e os esclarecimentos que as religiões enfraquecidas não poderiam mais lhe proporcionar. Em todos os âmbitos, a idéia espírita vai fecundar o pensamento que trabalha.

O canto e a música, em sua íntima união, podem produzir a mais alta impressão. Quando a música é sustentada por nobres palavras, a harmonia musical pode elevar as almas até as regiões celestes. É o que acontece na música religiosa, no canto sacro.

O cântico produz uma dilatação salutar da alma, uma emissão fluídica que facilita a ação das potências invisíveis. Não há cerimônia religiosa verdadeiramente eficaz e completa sem o cântico. Quando a voz pura das crianças e dos jovens ressoa sob a abóbada dos templos, dela se desprende como que uma sensação de suavidade angélica.

Porém, unida a palavras imorais, a música não é mais que um instrumento de perversão, um veículo de deformidade que precipita a alma na baixa sensualidade e é uma das causas da corrupção dos costumes em nossa época.

O fenômeno sonoro se desenvolve de círculos em círculos, de esferas em esferas e se dilata até o infinito. Ele conduz a alma, em suas grandes ondas, sempre mais longe, sempre mais alto no mundo

do ideal e nela desperta sensações tão delicadas quanto profundas, que a dispõem às alegrias e aos êxtases da vida superior.

Seu poder misterioso e soberano se estende sobre todos os seres, sobre toda a natureza. Efetivamente, a lei das vibrações harmônicas rege toda a vida universal, todas as formas de arte, todas as criações do pensamento. Ela introduz equilíbrio e ritmo em todas as coisas. Ela influi até sobre a saúde física por sua ação sobre os fluidos humanos. Sabe-se que Saul[54], em suas crises nervosas, mandava chamar Davi, que, com os sons de sua harpa, acalmava a irritação do monarca. Em todos os tempos, e ainda em nossos dias, a arte musical foi aplicada à terapêutica, e com resultados positivos. Poderíamos multiplicar os exemplos.

A harpa, com os seus sons eólicos[55], dissipa nossas inquietações, acalma nossas dores e embala deliciosamente nossas almas. Nossos pais, os celtas[56], a consideravam como um elemento indispensável à vida intelectual. Realmente, o código de Hoël diz que "Há três coisas inalienáveis em um homem livre: o livro, a harpa e a espada."

O maior dos bardos, Taliésin,[57] desapareceu misteriosamente; porém, durante muito tempo sua harpa foi vista flutuando sobre as águas do lago encantado. E os ecos da floresta de Broceliande[58] ainda ressoam, em certas horas, vibrações enfraquecidas da harpa de Merlim.

Nossos pais viam na música o ensino estético por excelência, o mais seguro meio de elevar o pensamento até às sublimes alturas onde reside o gênio inspirador. A harpa desempenha um importante papel nas evocações dos recintos sagrados e nas relações dos celtas com a multidão de invisíveis.

A voz humana também tem, quando é verdadeiramente bela, entonações de uma maleabilidade e de uma variedade que a tornam superior a todos os instrumentos. Melhor ainda do que eles, a voz pode exprimir todos os estados da alma, todas as sensações da alegria e da dor, desde o apelo de amor até as inflexões mais trágicas do desespero. Eis por que a introdução dos coros na música

orquestral e na sinfonia enriqueceu a arte de um elemento de encanto e de beleza.

– Grandes compositores e a faculdade mediúnica
– A obra de Beethoven, de Berlioz e de Wagner

Quase todos os célebres compositores possuem faculdades mediúnicas que lhes possibilitam receber as inspirações do Além, que lhes permitem traduzir, sob a forma do seu próprio talento, as grandiosas concepções da eterna harmonia. Entre esses compositores, os mais notáveis nos parecem ser Beethoven, Berlioz e Wagner[59].

Beethoven deve ser considerado como o verdadeiro criador da sinfonia, e sua frase melódica, por sua amplitude e sua beleza, representa a ação musical completa. Sob esse ponto de vista, seu espírito domina e dominará por muito tempo ainda a música moderna. Afirma-se que, recentemente, ele ditou a certo médium um hino espírita, destinado às sessões de evocação, e que em breve será publicado.

Berlioz também foi um sinfonista de grande envergadura; entre os compositores franceses, não há outro que seja mais difícil para se imitar devido ao seu vigoroso talento e à sua prodigiosa virtuosidade. Nessa música ardente, apaixonada, pitoresca, a intenção e a execução se combinam; ela possui o relevo e a força da região alpestre[60], onde o autor nasceu. Ela exprime alternadamente o esplendor dos cumes e o horror dos abismos. Nela se encontra a voz das torrentes, os murmúrios da floresta, todas as harmonias da montanha na sua unidade e sua variedade surpreendentes.

Nunca esquecerei a profunda impressão que me produziu a primeira audição de *A Danação de Fausto*. Eu tinha quase 20 anos e isso foi para mim, graças à sinfonia, a revelação de um mundo desconhecido, surpreendente em riquezas e maravilhas. Berlioz foi demasiado genial para ser bem compreendido por seus contemporâneos; como quase todos os inovadores, só após a sua morte é que o público começou a apreciar o seu talento lírico.

Quanto a Richard Wagner, sua obra colossal é totalmente impregnada de uma espiritualidade densa e difícil de suportar, que beira com o materialismo, como todo o gênio alemão. Porém, às vezes, dessa massa um pouco confusa, muitas vezes até vulgar e banal, brotam notas[61] musicais que atingem os mais altos cumes.

Wagner retira muito de seus predecessores, mas torna seu o que deles retira, e o reveste de uma vida original e pessoal.

Infelizmente, nele a essência permanece inferior à forma e sob esse aspecto faltam à sua obra equilíbrio e precisão. Suas imagens e seus temas são terrestres; quando quer povoar o espaço ele o faz sempre com deuses de máscaras trágicas e bastante humanas, por criaturas semimateriais, com capacetes e armadas, que cavalgam sobre nuvens em busca de batalhas sanguinolentas. Apenas duas de suas obras são exceções: *Tristão e Isolda* e *Parsifal*, inspiradas nas lendas célticas e cristãs.

Sua música, em seu conjunto, permanece sensual e não mantém o espírito nas altas regiões do sonho e da beleza. Isto porque Richard Wagner trabalhou somente para o teatro e, na ópera, como já dissemos, a música está encadeada à palavra e nisso, às vezes, se encontra uma causa de fraqueza e de inferioridade. Nesse gênero lírico, para produzir uma impressão mais forte, é preciso que a forma e o pensamento se equilibrem, se completem e continuem equivalentes. A forma majestosa associada a um pensamento muito pobre logo desaparece e não deixa mais que uma impressão superficial, uma vaga lembrança.

Ainda assim, apesar de seus defeitos e suas lacunas, a obra de Wagner tem seu lugar marcado entre as grandes criações musicais. Ela nos mostra mais uma vez que a arte é de todos os tempos, de todos os países e não tem pátria.

No entanto, em música, como em todas as coisas, a França se revelou um país de equilíbrio: o bom gosto, a clareza, a avaliação são, para nós, as qualidades essenciais da arte.

Entre os gorjeios melodiosos, os arrulhos quase femininos da música italiana e as viris e possantes sonoridades da música alemã,

a música fraterna coloca-se no centro e une as duas escolas opostas numa síntese feita de graciosidade, de força e de beleza.

As obras de Beethoven, Berlioz e Wagner parecem resumir a mais alta inspiração musical do nosso tempo. O futuro, porém, verá surgir outros homens, mais conscientes do mundo invisível que nos cerca, melhor dotados das faculdades mestras que permitem entrar em comunicação com esse mundo. Eles dotarão a humanidade de tesouros de arte e de poesia, dos quais não poderíamos mensurar desde agora a riqueza, a extensão, e que se tornarão para ela uma fonte inesgotável de alegria, de verdade, de beleza.

O pensamento e a inteligência são provenientes da mesma harmonia universal que a música, e é por isso que a música, sozinha, pode exprimir o que o pensamento e a inteligência concebem de mais elevado e mais sublime. Porque a vibração sonora, em si mesma, é apenas uma manifestação da vida universal. Eis por que a musica desperta um eco nos recônditos da alma e nela reanima como que uma vaga lembrança dos céus profundos onde ela nasceu, onde ela viveu, onde ela reviverá!

Parte VIII

» A Música (Parte 3)

– Apresentação das comunicações do Espírito Massenet

(Setembro de 1922)

Após o estudo da música terrestre, passaremos ao estudo das harmonias do espaço, e para isso resumiremos as instruções que nos foram dadas pelo Espírito Massenet no decorrer de várias sessões. Nesse ensinamento, o ilustre compositor se conduz como o fazia sobre a Terra, com o mesmo método que aplicava em seus cursos do Conservatório.

Primeiro, ele se ocupará do instrumento e dos meios de percepção. Porém, na vida espiritual não se trata mais de instrumentos de cordas nem de sopro, como na Terra. Acontece o mesmo com as percepções, que não são mais localizadas, como no corpo humano, e se estendem a todo o corpo espiritual.

A música terrestre não é mais que um eco enfraquecido e sem nitidez da música celeste; é a melodia eólica produzida por pesados e grandiosos instrumentos de madeira ou de metal; é o sonho estrelado e divino expresso por formas de uma vida inferior e material. Porém, neste caso, o sonho é uma elevada realidade.

Se nossos meios de execução, bastante rudimentares, não podem nos dar uma idéia nítida e clara das supremas harmonias, a dificuldade não é menor quando se trata de explicar, pela linguagem usual, as regras e as leis da grande sinfonia eterna. Essa dificuldade se revelou, principalmente, no transcurso das lições que recebemos do Espírito Massenet e que vamos reproduzir a seguir. Daí resulta que os pobres termos da nossa linguagem humana são impróprios para traduzir todas as belezas da obra divina.

Para exprimir as sublimidades da arte, seria necessária a própria arte, com os seus mais altos e poderosos recursos e seus mais sutis procedimentos.

Primeira lição do Espírito Massenet

– O papel do perispírito
– Vida espiritual, instrumento e meios de percepção

"Eu me servirei dos termos e das imagens mais simples para vos fazer compreender os fenômenos do espaço. Quando desencarnardes, verificareis que radiações de uma intensidade desigual escapam do perispírito e podem atingir velocidades consideráveis.

Cada espírito, segundo o seu grau de evolução, possui um aparelho vibratório, mais ou menos perfeito, isto é, um instrumento adaptado ao seu ser. Do ser material emanam raios fluídicos pouco sutis, não azulados, cujas vibrações são quase nulas; no ser evoluído, ao contrário, o raio fluídico pode se comparar a uma corda de um dos vossos instrumentos, muito fina, muito sensível e cujas vibrações são excessivamente agudas. O ser não evoluído possuirá essa mesma corda, como se ela estivesse mergulhada em pez[62].

Eis, portanto, o ser desencarnado no espaço. Quando suas tendências o levarem em direção à matéria, seus raios fluídicos transmitirão ao perispírito apenas sensações materiais. Porém, quanto mais a evolução se acentua, mais as sensações materiais se atenuam e se apagam, o feixe de raios fluídicos adquire mais sutileza, potência, delicadeza, suavidade.

Sob a influência da prece, com os conselhos e a assistência dos seus guias, esse espírito irá evoluir em uma atmosfera totalmente fluídica. Suas próprias radiações se encontrarão com as correntes

fluídicas do espaço e disso resultarão sensações maravilhosas de sonoridade, percebidas por todo o ser.

O ser evoluído vive em esferas fluídicas onde reinam correntes de uma inegável intensidade e de composições diversas. As ondas musicais se anulam ao contato imediato do vosso planeta, cujos fluidos são demasiado materiais. É preciso subir mais alto para perceber os acordes da lira celeste. Existem mesmo seres que, sob o ponto de vista moral, são perfeitos, mas não sentem as vibrações.

Uma educação estética é necessária; em breve falaremos sobre isso."

– Comentário

O corpo humano é um instrumento complexo e maravilhoso, que se adapta ao meio terrestre e às nossas múltiplas necessidades. Porém, ele é apenas o revestimento material, relativamente grosseiro, desse corpo sutil, o perispírito, do qual Massenet nos fala e que todos nós possuímos durante a vida, como também após a morte.

A existência desse perispírito é demonstrada pelos fenômenos de exteriorização dos vivos e pelas aparições fotografadas dos mortos, freqüentemente relatadas nesta revista[63].

Esse corpo sutil, admirável por sua flexibilidade e sensibilidade, é o envelope imperecível da alma e, da mesma forma que ela, suscetível de depuração e de progresso. Ele vibra aos menores impulsos do espírito e dele transmite ao corpo físico as vibrações inevitavelmente diminuídas. Eis por que, na vida do espaço, durante o sono como após a morte, o perispírito sente mais vivamente as influências dos meios em que ele penetra. Ele possui recursos mais amplos, meios de percepção desconhecidos dos homens, mas dos quais certos homens conservam a intuição ao despertar, após o desprendimento e as viagens espirituais da noite.

Nesse conjunto que constitui o homem, a alma ou inteligência é a nota dominante. A correlação entre os dois invólucros, físico e perispiritual, relaciona-se a uma única lei: a das vibrações.

O papel e o funcionamento do perispírito permanece como um dos problemas mais interessantes do Espiritismo; ele contém, em germe, todos os segredos da fisiologia e da psicologia, que se esclarecerão à medida que nossas relações com os desencarnados forem se ampliando e se multiplicando. Por esse meio, obteremos novos dados sobre as condições da vida no Além e, em geral, sobre o modo de ação do espírito liberto do corpo material.

Parte IX

Segunda lição

– Ser espiritual: meios de alcançar a esfera musical desejada

(Outubro de 1922)

"Hoje falaremos não do instrumento supraterrestre, como o fizemos, mas da forma como o ser desencarnado pode se afastar da Terra e penetrar nas esferas etéreas onde as harmonias do espaço se tornarão mais perceptíveis para ele. Tomemos, por exemplo, um ser desencarnado, de uma educação espiritual média, resultante de seus trabalhos anteriores e de seu grau de fé.

No início de sua vida no espaço, o ser desencarnado deverá se familiarizar com o seu novo estado, e ele chegará a despertar em si a lembrança das harmonias que percebeu em suas anteriores existências. Ele sentirá o desejo de se retemperar nesses fluidos harmônicos; mas, sob o ponto de vista latente, ele não pode saber imediatamente quais os meios para atingir a esfera a que seu espírito aspira subir. Seus guias, mais elevados que ele, o *intuirão* e farão vibrar seu perispírito de uma maneira graduada, a fim de que ele não seja perturbado.

Assim se estabelecerá o que chamamos harmonia, e toda dissonância desaparecerá entre ele e a esfera musical em que deseja penetrar. Quando, na Terra, ouvis um instrumento imperfeito, se ele não está afinado, vossos pobres órgãos ficam aturdidos; ocorre o mesmo na vida do Além. Os guias impressionam o perispírito do desencarnado, a fim de obter uma adaptação mais completa.

Eis então o nosso ser, tomado como exemplo, preparado para receber ondas musicais. À medida que suas próprias radiações se ligam melhor às irradiações harmônicas do espaço, aumenta o seu desejo de se elevar ainda mais alto em direção à fonte de eterna

beleza. Livre de toda influência grosseira, ele vai subir, com os seus guias, para as regiões superiores, celebrando com eles a glória do Altíssimo.

Os fluidos materiais se volatilizam, o perispírito torna-se mais luminoso, as radiações mais intensas, mais sutis, e a sua evolução é facilitada. O espírito vai subir como sobem os balões sobre o nosso globo.

Penetrando as altas regiões do espaço, o ser espiritual experimenta inicialmente uma sensação de suavidade, uma espécie de dilatação, de arrebatamento; depois, as emanações fluídicas que se desprendem do perispírito entram em contato com outros feixes de emanações; daí uma espécie de desligamento fluídico entre dois feixes de uma sutileza mais ou menos igual, mas de natureza diferente. Vós não podeis imaginar a impressão experimentada pelo ser fluídico: não são mais sensações de bem-estar, de contentamento, mas uma espécie de acalentamento, de ondulação, acompanhados de uma sensação especial, que determina um estado emotivo, uma espécie de êxtase. As vibrações sentidas nesse estado formam o que vós chamais de tonalidades; elas são produzidas pelo atrito entre camadas fluídicas.

Mais alto do que essas esferas harmônicas, existem outras regiões que ainda não podemos atingir e onde residem seres superiores, criadores de uma música sublime, que nos é transmitida por correntes fluídicas especiais. Nós não percebemos os seres que a produzem, no entanto ela nos chega por correntes condutoras de uma natureza sutil. Um guia me disse que os seres que produzem as ondas dessa música celeste são quase perfeitos e possuem uma parcela do talento divino.”

Terceira lição

– As vibrações sonoras nos espaços etéreos

(Outubro de 1922)

"Vós sabeis como se formam as vibrações. O espírito, transportado na esfera vibratória, acha-se envolvido por uma rede de ondas sonoras cujos elementos são constituídos por seres superiores. O que sente ele? Sente uma impressão comparável àquela que sentis ao ouvir uma tônica[64] em música. Quanto mais as ondas do campo vibratório são desenvolvidas em velocidade e em comprimento, mais a impressão sentida pelo perispírito é viva, penetrante e comparável, em termos humanos, à impressão que nos proporcionam os sons agudos.

Temos, então, de um lado a tônica e de outro o som agudo. Se, no campo vibratório, as ondas variam em velocidade e intensidade, a amplitude do som variará e esse som parte de um ponto inicial, comparável à tônica. Esse ponto inicial compreende uma certa onda vibratória, e eu não posso mensurá-la. Eis uma comparação: vossos fonógrafos[65] emitem sons onde, além da sonoridade produzida pelo instrumento, se aproximardes o ouvido do seu pavilhão, sentireis um calor mais ou menos intenso, segundo a elevação do tom. Pois bem, o ser desencarnado não sente calor, mas sensações mais ou menos deliciosas, de acordo com a maior ou menor velocidade e com a maior ou menor duração da onda.

As radiações que atingem o perispírito são coloridas de tons infinitamente variados. Cada cor tem uma propriedade particular, que dá uma sensação de bem-estar, de satisfação, que difere segundo a pureza, a homogeneidade de cada tom. É preciso, então, levar em conta, de um lado, a qualidade das ondas, isto é, da sua coloração; de outro lado, a sua velocidade, a sua duração, as diversas fases de seus meandros. Tudo isso provoca, no ser desencarnado, fenômenos incomparáveis e infinitamente variáveis,

porque, quanto mais o espírito é evoluído, mais diversas são as ondas que ele percebe, assim como as cores, que exprimem os sentimentos. Tomemos como exemplo o azul, que representa os sentimentos mais elevados sob o ponto de vista afetivo; uma onda azul nos dará vibrações que serão, para o vosso ser, como um banho de amor. O vermelho, nas mesmas condições, representa a paixão. O amarelo será intermediário. O rosa, que é uma mistura de amarelo com vermelho, vos dará um amor menos intenso, porém mais constante. Assim, com essas cores fundamentais, podeis formar uma gama de tonalidades que dão, por correspondência, vibrações de todos os sentimentos humanos e sobre-humanos.

Se o ser desencarnado ainda é pouco evoluído, mas tem o desejo de se impregnar de belos sentimentos, seus guias o conduzirão para esferas animadas por seres angélicos. Quando o desencarnado é muito evoluído, ele colhe, nas mesmas esferas, satisfações em que o amor e a paixão virão impregnar seu ser, e é por isso que, de regresso à nossa Terra, os seres que amam a música lembram-se intuitivamente das estadas mais ou menos longas que fizeram no espaço, em um campo de ondas musicais.

A música celeste não é produzida por fricções de arco sobre cordas: tudo é fluídico, tudo é espiritual, tudo é inspirado pelo pensamento de Deus.”

– Comentários

Sobre a Terra, a gama de sons, tal como a concebemos, é apenas uma relação de sensibilidade que nada tem de absoluto. Compreende-se muito bem que existe uma relação entre as ondas sonoras e as ondas luminosas, mas esta relação escapa a muitos observadores e sensitivos, porque as percepções são muito diversas em seus graus de intensidade; sendo as vibrações luminosas incomparavelmente mais rápidas que as vibrações sonoras.

No entanto, para o espírito cujas percepções são muito mais possantes e mais extensas, a relação é mais estreita do que para nós, e a sensação se unifica; temos um exemplo disso na diferença que se estabelece entre as notas baixas, que correspondem às cores mais escuras, e os sons agudos, que correspondem às intensidades mais vivas.[66]

A inteligência, que percebe e resume todos os efeitos e todas as formas da substância eterna, abrange todas as vibrações, e ela mesma vibra sem preocupações com distâncias e ritmos através do infinito.

Também é fácil para nós compreender como, na vida espiritual, os prazeres estéticos são correlativos ao grau de evolução dos seres. Todos nós temos, na Terra, o mesmo órgão auditivo, no entanto que diferença de sensações experimentadas pelos ouvintes de uma sinfonia, segundo seu grau de cultura ou sua elevação psíquica!

As formas e as imagens produzidas pelas vibrações sonoras nos espaços etéreos, das quais nos fala o Espírito Massenet, também nos parecem ser manifestações do pensamento ordenador que concebeu e dirige o Universo. A música celeste poderia representar a própria vibração da alma divina. Eis por que quanto mais o espírito evolui e se depura, mais se torna apto a compreender, a sentir a beleza e a harmonia eterna do mundo.

Parte X

Quarta lição

– A música humana e as notas harmônicas
– A música celeste
– Os sons e as cores

(Novembro de 1922)

"Falaremos hoje da sonoridade, não da sonoridade pura porque não distinguimos os sons com precisão. O som resulta de uma vibração que impressiona nossos órgãos psíquicos e produz, por conseqüência, um fenômeno virtual.

É preciso partir deste princípio: no espaço, o som não será a sensação de um ruído, mas a sensação que uma satisfação de bem-estar moral e espiritual produz. O prazer é mais ou menos intenso e corresponde às sensações que os instrumentos nos causam na Terra.

Vimos o ser imaterial transportado para a esfera musical, isto é, para o campo vibratório, animado por seres angélicos; vimos também que esse ser recebe, em seu perispírito, vibrações que, ao se chocarem com seus próprios eflúvios, produzirão sensações de prazer.

Na música humana, vós tendes o *lá* como nota do diapasão[67]; não tomaremos essa nota como ponto de partida porque sua tonalidade não corresponde à tonalidade das cores. Tomaremos o *dó*. O *dó*, aos vossos ouvidos, produz um som grave, pleno, e que exprime o regozijo, um som que representa bem o amor que devemos sentir por Deus. Esse *dó*, se fizermos uma comparação, se adapta melhor à primeira das sensações fluídicas, que se traduz geralmente pela cor azul.

O *dó* simboliza o azul celeste, a quietude, a paz da alma proporcionada pela prece. O *dó* é a primeira nota do acorde perfeito que deriva do azul.

O *mi* representa a força no amor, a vontade de amar, e pode ser representado por um raio da vossa luz solar. Temos, então: *dó*, *mi*. O *dó* fundamental é azul; o *mi*, a vontade no amor, nos dará o azul celeste e o ouro.

O *sol*, terceira nota harmônica, representa a consolidação das duas notas precedentes, ou seja, uma ligação que pontua as duas idéias precedentes emitidas, pontuação que assegura a exteriorização do sentimento dado pelo azul.

Percebemos essa nota por uma tonalidade especial, da qual eu procuro vos fazer compreender a cor pelos vossos sentidos. Não é nem uma emanação prateada, que poderia se confundir com o ouro, ser por ele absorvida, nem uma emanação negra, resultante de outras cores, que poderia absorver o azul. Mas é um fluido brilhante, sem cor bem definida, que pode se aproximar da luz radiante que se desprende dos mundos que vós percebeis, ou seja, cinza-azulado, cinza-prateado. Vosso Sol, visto de longe, tem esse aspecto.

A primeira tonalidade, vista por um mortal, terá esse aspecto: tônica azul. Intensidade da tônica, ouro. Pontuação ou duração: cinza-prateado, mistura de azul cercado de ouro e de cinza-prateado.

Essa primeira tonalidade representa o amor divino. As outras cores fundamentais apresentam todos os outros sentimentos, indo do amarelo-claro ao vermelho-escuro, porém essas cores são sempre acompanhadas de seus mantos dourados e suas vestes cinza-prateadas.

Em música humana, acorde perfeito: *dó*, *mi*, *sol*. Tornando-se o *ré* acorde perfeito: *ré*, *fá*, *lá*; com o *mi*, acorde perfeito: *mi*, *sol*, *si*. A tônica variará de cor, passando do azul para chegar ao vermelho, mas as duas outras notas serão sempre ouro e prata; elas nunca variarão.

Segundo a qualidade do perispírito e a natureza do campo vibratório, as sensações variam e aumentam de intensidade, a ponto de se tornarem maravilhosas. Certos perispíritos recebem o amarelo, outros o vermelho. Existem alguns que excluem esta última cor.

O violeta é menos suportável para os seres evoluídos. O verde claro é mais agradável que o verde escuro. Pode-se, segundo as leis do espaço, perceber uma mistura de azul e de rosa.

Os campos vibratórios variam igualmente de intensidade. Eles resultam de emanações angélicas, inspiradas pelo ser divino. Quando se retorna à Terra, ainda se está impregnado dessas vibrações; o corpo material as aniquila, mas a consciência conserva a sua impressão.

Fora desses campos vibratórios existem esferas, e mesmo correntes, que proporcionam aos espíritos menos evoluídos prazeres harmônicos às vezes vivos e profundos, ainda que mais pessoais. Essas correntes fluídicas comunicam ao ser as alegrias íntimas do amor divino. Outras correntes lhe dão somente a alegria de ouvir os acordes da lira celeste. Essas vibrações, não coloridas e invisíveis ao ser desencarnado, dão a ele uma satisfação comparável àquela que a sensação dos perfumes lhe proporciona.

A música celeste, portanto, é o resultado de impressões causadas pelas camadas fluídicas de acordo com a elevação do ser e a pureza do meio.

No espaço não se ouve nada; sente-se a harmonia dos fluidos e não a dos sons. A propriedade essencial dos fluidos é a cor. O som é de essência terrestre, a cor é de essência celeste. A próxima lição tratará dos encantos harmônicos do espaço e de sua persistência nos sentimentos humanos.”

– Comentário

A solidariedade dos sons e das cores, da qual nos fala o Espírito Massenet, foi entrevista por todos os grandes músicos. Um deles disse: “A melodia é para a luz o que a harmonia é para as cores do prisma, isto é, uma mesma coisa sob dois aspectos diferentes: melódico e harmônico.”

Platão[68] diz ainda: “A música é uma lei moral. Ela dá uma alma ao Universo, asas ao pensamento, um impulso à imaginação, um encanto à tristeza, a alegria e a vida a todas as coisas. Ela é a essência da ordem e eleva em direção a tudo o que é bom, justo e belo, de que ela é a forma invisível, porém surpreendente, apaixonada, eterna.”

De passagem, observemos que Massenet é mais melodista que sinfonista.

Para formar a luz branca, é necessário o acorde das cores complementares e esta luz torna-se mais viva e radiosa na mesma proporção em que a melodia resuma e sintetize melhor o acorde das harmonias complementares.

Parece, então, que há uma concordância perfeita entre as concepções dos gênios terrestres e o ensino das entidades do Além, reconhecendo-se que estas nos fornecem detalhes, estimativas ignoradas pelos especialistas do nosso mundo.

As relações que a melodia e a harmonia têm entre si são como as que existem entre o pensamento e o gesto. Também se poderia dizer que, em música, a melodia representa a síntese, e a harmonia, a análise. Portanto, elas penetram uma na outra e não valem senão quanto mais completamente se combinem e se liguem.

Na Terra, a beleza de uma obra musical resulta ao mesmo tempo da concepção e da execução, mas na vida do Além, o pensamento iniciador e a execução se confundem porque o pensamento comunica às vibrações fluídicas as qualidades que lhe são próprias. A obra é tão mais bela e a impressão que ela produz é

tão mais viva quanto mais elevada for a intenção. É isso que dá à prece ardente, ao grito da alma em direção ao seu Criador, propriedades harmônicas.

Quanto mais nos elevamos na escala das relações, mais a unidade aparece em sua sublime grandeza.

A lei das notações musicais rege todas as coisas e seu ritmo embala a vida universal. É uma espécie de geometria radiante e divina. O alfabeto humano, como uma gaguez, é uma de suas formas mais rudimentares. Suas manifestações, porém, tornam-se cada vez mais amplas e importantes em todos os graus da escala harmônica.

O espírito humano não pode se elevar até às supremas alturas da arte cuja fonte está em Deus, mas ele pode, pelo menos, elevar suas aspirações em direção a elas. As concordâncias estéticas se dispõem, em graus, ao infinito; mas acontece apenas se, nas horas de êxtase e de enlevo, o pensamento humano entrevê alguns aspectos da lei universal da harmonia. A regra musical se produz, no espaço, em traços de luz; o pensamento, a expressão do talento divino e os astros em seu curso, ali conformam suas vibrações.

Se o espírito humano, em seus arrebatamentos, se eleva um instante sobre essas alturas, ele recai impotente para descrever suas belezas; as impressões que ele sente só podem ser traduzidas por uma muda adoração. O próprio Espírito Massenet se declara insuficientemente evoluído para se manter nessas esferas superiores.

Uma vez mais, aqui nos encontramos parados pela impossibilidade de exprimir, em uma linguagem humana, idéias sobre-humanas. Ainda que se possa falar, fica-se sempre abaixo da verdade. O infinito das idéias, dos quadros, das imagens são como um desafio dirigido aos recursos limitados do vocabulário terrestre. Efetivamente, como encerrar em palavras, como resumir em palavras todo o esplendor das obras que se desenvolvem nas profundezas dos céus estrelados?

Parte XI

Quinta e última lição

– O espírito e as sensações harmônicas
– As fileiras ou correntes de ondas harmônicas
– A música terrestre e a música do espaço

(Dezembro de 1922)

"Como forma de conclusão à minha exposição da arte musical no espaço, vou tentar vos fazer compreender as sensações harmônicas sentidas pelo espírito nas esferas em que vivemos.

Em nossa última conversa, falamos das correntes provocadas por seres angélicos. Resta-nos falar das fileiras de ondas (expressão recolhida no cérebro do médium, que tem algum conhecimento da telegrafia sem fio). Tomamos, então, como meio de comparação, esse telégrafo sem fio que vos dá uma primeira idéia dessas fileiras de ondas harmônicas das quais vou falar.

Vós me interrogáveis ultimamente a respeito da música das esferas. Eis aqui a explicação: forças dirigidas por vontades superiores produzem uma corrente fluídica cujo poder vibratório é considerável, porém uniforme. Essas ondas vão percorrer um espaço imenso e impressionarão espíritos menos adiantados que aqueles que podem alcançar as esferas musicais das quais vos falamos; esses espíritos menos adiantados têm, ao menos pelo seu perispírito, a faculdade de sentir certas ondulações.

Tocando esses seres, que são em grande número, as ondas, de acordo com sua velocidade, produzem uma vibração que se traduz em todos os perispíritos por uma iluminação repentina. Qualquer espírito ao encontrar essa corrente no espaço sentirá seu perispírito colorir-se de uma tonalidade mais viva, segundo a intensidade da corrente emitida e, por ela, sentirá uma satisfação adequada à

coloração. Como, geralmente, essas fileiras ou correntes de ondas são provocadas por sentimentos que emanam de seres quase angélicos ou divinos, vós compreendeis que se pode compará-las a banhos de azul-celeste que apagam, tanto quanto possível, as paixões que ainda são um vestígio de matéria. Se a vontade do espírito que as percebe é suficiente, ele pode beneficiar-se amplamente com elas, porque essas ondas constituem uma espécie de transmissão que pode ajudar sua elevação, porquanto elas emanam das regiões divinas.

Essas correntes freqüentemente giram em redor dos mundos e lhes purificam a atmosfera. Quando partem de um ponto diferente, essas correntes revestem cores distintas que podem se confundir e determinar uma dupla sensação. Assim se explica porque certos espíritos vos disseram que no espaço ‘escutam-se vibrar as liras’.

A tonalidade normalmente permanece a mesma, tomando-se a palavra tonalidade no sentido de cor. Para nós, a cor exprime as sensações recolhidas pelo pensamento. No entanto, muitos seres, devido ao seu pequeno adiantamento, permanecem insensíveis a essas correntes. Existem aqueles que preferem as sensações produzidas por antigas paixões carnais e as procuram; outros, tocados por essas correntes, buscam, pela prece, penetrar nas esferas em que o êxtase é mais habitual.

Vós sabeis que no espaço os planos são diversos, mas Deus permitiu que todos os seres tenham consciência dos seus benefícios. Os prazeres experimentados não são comparáveis àqueles que poderíeis sentir olhando um belo quadro ou escutando um trecho de música: as sensações são muito mais completas e de forma alguma mecânicas como o são as vossas. A música terrestre é o resultado de choques mais ou menos violentos sobre um metal, ou da passagem de ar sobre uma substância sonora, enquanto que a música do espaço se traduz por sensações cuja gama se escalona em graus coloridos! Cada cor, cada feixe colorido vindo incidir sobre o perispírito, transmite-lhe impressões mais ou menos

elevadas e puras, de acordo com a natureza elevada do espírito que as recebe e segundo a intensidade das ondas fluídicas.

A música terrestre, portanto, não é comparável à música do espaço. A primeira dá uma satisfação da qual a vossa sensibilidade nervosa se aproveita; a segunda, que é de essência divina, proporciona alegrias morais, sensações de bem-estar, êxtases tão mais profundos quanto mais puro seja o receptáculo, isto é, o ser privado do envoltório carnal.”

Comentário Final

O estudo do Espiritismo nas suas relações com a arte limita-se com os mais vastos problemas do pensamento e da vida. Ele nos mostra a ascensão do ser, na escala das existências e dos mundos, em direção a uma concepção sempre mais ampla e mais precisa das regras da harmonia e da beleza, segundo as quais todas as coisas são estabelecidas no Universo. Nessa ascensão magnífica, a inteligência cresce pouco a pouco; os germes do bem e do belo, nela depositados, se desenvolvem ao mesmo tempo em que a sua compreensão da lei de eterna beleza se amplia.

A alma chega a executar sua melodia pessoal, sobre as mil oitavas do imenso teclado do Universo; ela se penetra da harmonia sublime que sintetiza a ação de viver e a interpreta segundo seu próprio talento, desfruta cada vez mais as felicidades que a posse do belo e do verdadeiro proporciona, felicidades que, desde este mundo, os verdadeiros artistas podem entrever. Assim, o caminho da vida celeste está aberto a todos, e todos podem percorrê-lo, por seus esforços e seus méritos, e conseguir a posse desses bens imperecíveis que a bondade de Deus nos reserva.

A lei soberana, o supremo objetivo do Universo é, por conseguinte, o belo. Todos os problemas do ser e do destino se resumem em poucas palavras. Cada vida deve ser a consecução, a realização do belo, o cumprimento da lei.

O ser que alcança uma concepção elevada dessa lei, e de suas aplicações, deve ajudar todos aqueles que, abaixo dele, sobem com esforço a escala grandiosa das ascensões.

Por sua vez, os seres inferiores devem trabalhar para assegurar a vida material e, em seguida, tornar possível a liberdade de espírito necessária aos pensadores e aos pesquisadores. Assim, se consolida a imensa solidariedade dos seres, unidos em uma ação comum.

Toda a ascensão da vida em direção aos fastígios eternos, todo o esplendor das leis universais se resumem em três palavras: beleza, sabedoria e amor!

FIM

Notas:

[1] Jules Massenet: compositor francês (Montand, Saint-Étienne, 1842 - Paris, 1912). Sua arte encantadora, sensível, possuía o dom da invenção melódica e o senso real do teatro. Autor de *Manon*, *Herodíade*, *Taís*, *Werther*, *O Jogral de Notre-Dame*, *Dom Quixote*, etc. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*. Nas notas seqüentes, utilizar-se-á apenas a sigla *D.K.L.*)

[2] Sir Oliver Lodge: Reitor da Universidade de Birminghan, membro da Academia Real Inglesa; escritor, autor de *A Sobrevivência Humana* e de *Raymond*. (N.T.)

[3] Wolfgang Amadeus Mozart: compositor austríaco (Salzburgo, 1756 - Viena, 1791). Um dos maiores mestres da arte lírica. Autor de sinfonias, sonatas, concertos, obras de música religiosa, de música de câmara e um magnífico *Requiem*. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[4] Victorien Sardou: autor dramático francês (Paris, 1831 - Id., 1908). Autor de comédias e de peças históricas. (N.T., segundo o *D.K.L.*).

[5] Bloco: massa volumosa e sólida de uma substância: bloco de mármore, de granito, de madeira, de gelo, etc. (N.T.)

[6] Maçom: pedreiro. (N.T.)

[7] No original francês lê-se *flèches* que, no singular, significa telhado, em forma piramidal ou cônica, de um campanário, de uma torre, de uma igreja. (N.T.)

[8] Referência à segunda década do século XX. (N.T.)

[9] Raffaello Santi (ou Sanzio): pintor italiano (Urbino, 1483 - Roma, 1520). Foi arquiteto-chefe e superintendente dos edifícios na corte dos Papas Júlio II e Leão X. Sua arte revela qualidades excepcionais: precisão do desenho, harmonia das linhas, colorido de delicadeza infinita. Apesar de ter morrido jovem, deixou

várias obras-primas que lhe deram a reputação de o maior pintor de todos os tempos. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

10 Alphonse de Lamartine: poeta francês de uma melancolia profunda e suave (Mâcon, 1790 - Paris, 1869). Ficou célebre com o seu primeiro trabalho lírico: *As Meditações*. Entre 1820 e 1830 foi considerado mestre pela nova geração de poetas românticos. Publicou ainda: *As Harmonias Poéticas e Religiosas*, *Jocelyn*, *A Queda de um Anjo*, *História dos Girondinos*, *As Confidências*, *Graziela* e um *Curso Familiar de Literatura*. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

11 Tradução literal:

Mas ao impulso do pensamento
O instinto dos sentidos se opõe em vão:
Sob o deus minh'alma oprimida
Salta, se arremessa e agita meu coração.
O raio em minhas veias circula,
Espantado com o fogo que me queima.
Eu o estimulo ao combatê-lo.
E a lava do meu talento
Transborda em torrentes de harmonia
E me consome ao se evadir.
(N.T.)

12 Romain Rolland: escritor francês (Clamecy, 1866 - Vézelay, 1944). Autor de uma obra que exalta o ideal de uma energia sem violência. Escreveu: *Acima da Confusão*, *Danton*, *O 14 de Julho*, *Beethoven*, *Colas Breugnon*, *Jean-Christophe*, *A Alma Encantada*. Recebeu o Prêmio Nobel em 1915. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

13 Michelangelo Buonarroti: pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano (Caprese, Toscana, 1475 - Roma, 1564). Ninguém igualou a originalidade e a força de suas concepções; suas obras são admiradas pela diversidade ao mesmo tempo em que pelo caráter grandioso. Deve-se-lhe a cúpula da Basílica de São Pedro

do Vaticano, o *Túmulo de Júlio II*, o *Cristo Carregando a Cruz*, *Davi*, *Moisés*, os afrescos da Capela Sistina (*A Criação do Mundo*, *O Juízo Final*), *A Pietá* e muitas obras-primas (N.T., segundo o *D.K.L.*)

14 Johann Wolfang von Goethe: escritor alemão (Francoforte sobre o Meno, 1749 - Weimar, 1832). Escreveu romances, dramas, poesia: *Sofrimentos do Jovem Werther*, *Götz von Berlichingen*, *Novas Baladas*, *Divã Ocidental e Oriental*, *Herman e Dorotéia*, *As Afinidades Eletivas*, e para o teatro: *Clavigo*, *Egmont*, *Torquato Tasso*, *Fausto*. Sua extensa obra domina a literatura alemã. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

15 Ludwig van Beethoven: célebre compositor alemão (Bonn, 1770 - Viena, 1827). Autor de 32 sonatas, 17 quartetos, nove sinfonias quatro aberturas, cinco concertos para piano e orquestra e um para violino, da ópera *Fidélio* e da *Missa Solemnis*, obras de uma profundeza de sentimentos e de um poder de expressão incomparáveis. Teve uma existência muitas vezes difícil, sua surdez começou a se manifestar em 1802 e viveu os últimos anos de sua vida completamente surdo. Beethoven abriu o caminho para o romantismo musical alemão (N.T., segundo o *D.K.L.*)

16 Acreditamos tratar-se de Oliver Wendell Holmes, médico e escritor norte-americano (Cambridge, Massachusetts, 1809 - Boston, 1894). Humanista, poeta elegíaco, ensaísta e romancista (N.T., segundo o *D.K.L.*)

17 Friedrich von Schiller: escritor alemão (Marbach, 1759 - Weimar, 1805). Escreveu: *Os Bandoleiros*, *A Conjuração de Fiesco*, *Dom Carlos*, *Wallenstein*, *Maria Stuart*, *A Donzela de Orléans*, *Guilherme Tell*, entre outras importantes obras. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

18 Jules Michelet: escritor e historiador francês (Paris, 1798 - Hyères, 1874). Liberal, professor do Colégio de França, foi, a partir de 1840, adversário do governo. Escreveu: *História da*

França, *História da Revolução Francesa*, *A Mulher*, *O Mar* e também um Diário. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

19 Heinrich Heine: escritor alemão (Düsseldorf, 1797 - Paris, 1856). Escreveu, entre outras obras: *Intermezzo Lírico*, *Livro de Canções*, *Romancero*, *Melodias Hebraicas*, *Imagens de Viagem* (escritas em alemão e em francês) e *O Rabino de Macherach.* (N.T., segundo o *D.K.L.*)

20 Esopo: Fabulista grego (século VII - VI a.C.), de origem escrava, depois alforriado. É personagem meio lendária, que se representava como indivíduo feio, gago e corcunda. A reunião atual das *Fábulas de Esopo*, redigidas em prosa grega, é atribuída ao Monge Planúdio, no século XIV. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

21 O autor refere-se ao século XIX. (N.T.)

22 Honoré de Balzac: escritor francês (Tours, 1799 - Paris, 1850). Autor de *A Comédia Humana*, reuniu, a partir de 1842, diversas séries de romances, formando um verdadeiro afresco da sociedade francesa, da Revolução ao fim da Monarquia. Alguns dos seus romances são: *Gobseck*, *A Pele de Onagro*, *O Coronel Chabert*, *O Médico da Roça*, *Eugénie Grandet*, *O Pai Goriot*, *A Procura do Absoluto*, *O Lírio no Vale*, *Ilusões Perdidas* e outros. Também escreveu contos e peças de teatro. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

23 Alexandre Dumas: escritor francês (Villers-Cotterêts, 1802 - Puys, 1870). Foi o mais popular escritor da época romântica. Eis algumas de suas obras: *Henrique III e sua Corte*, *Anthony*, *A Torre de Nesle*, *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois*, *O Conde de Monte Cristo*, *A Rainha Margot*, *A Dama de Monsoreau*. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

24 Théophile Gautier: poeta francês (Tarbes, 1811 - Neuilly-sur-Seine, 1872). Era partidário do romantismo, mas chegou a uma poesia mais ciosa da beleza formal : *Esmaltes e Camafeus*. Escreveu, entre outros, o romance *Capitão Fracasso* e obras de crítica literária e artística. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[25] Edgard Quinet: historiador francês (Bourg-en-Bresse, 1803 - Paris, 1875). Filósofo idealista e ateu, historiador liberal. Obras principais : *O Gênio das Religiões*, *As Revoluções da Itália*. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[26] Jean Reynaud: filósofo e político francês, nasceu em Lyon (1806-1863). Autor de *Terra e Céu*. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

[27] Gérard Labrunie de Nerval: escritor francês (Paris, 1808 - id., 1855). Obras principais : *As Filhas do Fogo*, *Aurélia*, *As Quimeras*. Foi o precursor de Baudelaire, de Mallarmé e do surrealismo; traduziu *Fausto*, de Goethe. Era sujeito a crises de demência; enforcou-se. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

[28] *A Queda de um Anjo* e *Jocelyn*: obras de Lamartine. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré.*)

[29] Victor Hugo: escritor francês (Besançon, 1802 - Paris, 1885). Inicialmente foi um poeta clássico nas suas *Odes*, mas depois tornou-se o chefe do Romantismo com *Cromwell*, *Os Orientais e Hernani*. Publicou ainda: *Nossa Senhora de Paris*, *Folhas de Outono*, *Cantos do Crepúsculo*, *As Vozes Interiores*, *Os Castigos*, *As Contemplações*, *A Lenda dos Séculos*, *Os Miseráveis e Os Trabalhadores do Mar*, entre outras obras. É considerado o mais ilustre dos poetas franceses. A influência sobre sua época, o número e a grandeza de suas obras e o papel político por ele desempenhado fizeram de Victor Hugo uma das maiores personalidades do século XIX. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[30] Charles Baudelaire: escritor francês (Paris, 1821 - id., 1867). Herdeiro do Romantismo e fiel à métrica tradicional, exprimiu ao mesmo tempo a tragédia do destino humano e uma visão mística do Universo, onde descobriu misteriosas “correspondências”. Seus poemas *As Flores do Mal*, *Pequenos Poemas em Prosa* e sua obra crítica *A Arte Romântica* são a fonte da poesia moderna. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[31] Rudyard Kipling: escritor inglês (Bombaim, Índia, 1865 - Londres, 1936). Escreveu poesias e romances, entre estes, *Livros da Selva* e *Kim*. Recebeu o Prêmio Nobel em 1907. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[32] Selma Lagerlöf: escritora sueca (Marbacka, 1858 - id., 1940). Autora de *Saga de Gösta Berling*. Recebeu o Prêmio Nobel em 1909. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[33] Teutônico: relativo aos teutões, povo antigo da Germânia que habitava às margens do mar Báltico; relativo à Alemanha e aos alemães. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[34] Bolchevismo: doutrina da ala esquerda majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo; o mesmo que Comunismo. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[35] Panegírico: discurso público de louvor, de elogio a alguém. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[36] Ribalta: parte dianteira do palco, que se estende para fora do pano de boca, e onde ficam localizados os refletores. (N.T.)

[37] Dante Alighieri: poeta italiano (Florença, 1265 - Ravena, 1321). Compôs sonetos amorosos e canções que expressavam sua paixão platônica por Beatrice Portinari. Autor da *Divina Comédia*, é considerado o pai da poesia italiana. (N.T., segundo o *D.K.L.*)

[38] Romança: composição, em geral curta, para canto e piano, de cunho sentimental ou patético, típica do século XIX. (N.T.)

[39] Canção: texto colocado em música, freqüentemente dividido em quadras e refrão, destinado a ser cantado. (N.T.)

[40] Trata-se do Espírito Massenet, do qual publicaremos as lições mais adiante, nos tópicos especialmente dedicados à música (Nota do Autor; suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.A.)

[41] Modo: (em música) maneira como se dispõem os intervalos de tom e meio-tom numa escala; padrão rítmico constante numa composição (N.T.)

[42] Observe-se o profundo sentido desta frase: "como uma lira com mil asas". A lira, símbolo da poesia, da expressão poética, teria mil asas, mil formas de agasalhar todas as sensações geradoras de sentimentos harmoniosos (N.T.)

[43] Áptero: inseto sem asas (pulga, piolho, etc.); diz-se de estátuas de certas divindades antigas que, por exceção, eram representadas sem asas. Na Acrópole de Atenas, principal cidade grega, vêem-se as ruínas de um templo da deusa Vitória Áptera. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*.)

[44] Johann Sebastian Bach: o mais famoso de uma célebre família de músicos alemães (Eisenach, 1685 - Leipzig, 1750). Foi cantor, violinista, organista, chefe de orquestra e professor. Autor de obras de música religiosa, vocal e instrumental que são admiráveis pela riqueza da inspiração, a audácia da linguagem harmônica e a alta espiritualidade. Bach trabalhou todos os gêneros, com exceção da ópera, compôs cantatas, paixões, missas, obras para o órgão, para o cravo, suítes, partitas, concertos, motetos, prelúdios e fugas. Cego, morreu ditando seus últimos corais ao genro e aluno Altnikol. (N.T., segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*.)

[45] Frédéric François Chopin: pianista e compositor polonês, de origem francesa, nasceu perto de Varsóvia (Zelazowa-Wola, 1810 - Paris, 1849). Suas composições para piano (mazurcas, valsas, noturnos, *polonaises*, prelúdios, sonatas, baladas, barcarolas, estudos e *scherzos*), de caráter romântico, pessoal, penetrante e, quase sempre, melancólico, são obras de um poeta; elas renovaram o estilo do piano. (N.T., segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*.)

[46] Hector Berlioz: compositor francês (La Côte-Saint-André, Isère, 1803 - Paris, 1869). Autor de *Os Troianos*, *A Danação de*

Fausto, Benvenuto Cellini, Sinfonia Fantástica, Requiem, A Infância de Cristo, obras notáveis pelo poder do sentimento dramático e suntuosidade orquestral. Berlioz é um dos criadores da música de programa, isto é, aquela que procura, por meio de elementos instrumentais, descrever um assunto fixado em página literária que vem impressa no programa do concerto. (N.T., segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*.)

47 Ver em *No Invisível*, *Espiritismo e Mediunidade*, Edições Léon Denis, o cap. XIV. (N.A.)

48 Solo: trecho musical executado por uma só voz ou um só instrumento, com acompanhamento ou sem ele. (N.T.)

49 *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, de outubro de 1921, p. 303. (N.A.)

50 Luís XVII (Louis-Charles de França): segundo filho de Louis XVI e Maria Antonieta; nasceu em Versailles em 1785. Prisioneiro no Templo, ele foi, após a execução de seu pai, proclamado rei da França pelos príncipes emigrados. Morreu em sua prisão em 1795. Certos autores afirmam que Luís XVII escapou da prisão e foi substituído por um menino doente, porém nenhuma prova séria veio abalar a convicção geral de que o príncipe realmente morreu na prisão. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

51 Jacob Boehme: teósofo e místico alemão (1575-1624), nasceu em Alt-Seidenberg. (N.T.)

52 Harpa eólica: instrumento musical constituído por uma caixa sonora com seis ou oito cordas, afinadas em um mesmo tom, e que soava quando exposta a uma corrente de vento. A palavra eólio, ou eólico, provém de Éolo, deus dos ventos nas mitologias grega e romana. (N.T.)

53 Eton: colégio fundado em 1440 por Henrique VI. O mais célebre estabelecimento de ensino da Inglaterra, freqüentado por

meninos, de doze a quinze anos, pertencentes às classes sociais mais elevadas (N.T.)

54 Ver em I Samuel, 16: 14 a 23. (N.T.)

55 Sons eólicos: diz-se dos sons emitidos pela chamada harpa eólica. (Vide nota nº 53) (N.T.)

56 Celtas: conjunto de povos de língua indo-européia, individualizados por volta do segundo milênio e que ocuparam uma grande parte da Europa central. Habitando o sudoeste da Alemanha, os celtas se viram impelidos para a Gália, para a Espanha, para as Ilhas Britânicas, para o Vale do Pó, até que os romanos (séc. II a.C. – séc. I d.C.) destruíram o poder céltico, subsistindo apenas os reinos da Irlanda. Dinamismo, esquematização, triunfo da curva e de entrelaçados transfigurando o real são os maiores traços da sua arte, bem como a ornamentação das armas, a fabricação de moedas e a estatuária religiosa. Foi na Bretanha, no País de Gales e na Irlanda que o tipo e a língua célticas mais se conservaram. (N.T., segundo o *Dictionnaire Le Petit Larousse* - 2003.)

57 Bardo: entre os celtas, poeta, orador inspirado. Pode-se compará-lo aos profetas do Oriente e a esses grandes predestinados sobre quem passa o sopro do invisível. Taliésin foi o autor de *O Canto do Mundo*. (N.T., segundo Léon Denis, em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, 1ª parte, cap. III, Edições Léon Denis.)

58 Broceliande: vasta floresta da Bretanha, antiga província da França, hoje floresta de Paimpont, localizada em Ille et Vilaine, e onde as lendas gaulesas fizeram viver Merlim ou Myrddhin, o Mágico. A fada Viviana, abusando das suas lições, encerrou-o num círculo mágico, de onde ele não pôde mais sair. (N.T. segundo o *Dicionário Lello Universal*, volumes I e III.)

59 Richard Wagner: compositor alemão (Leipzig, 1813 - Veneza, 1883). Autor de *O Holandês Errante, ou O Navio Fantasma*, *Lohengrin*, *Os Mestres-cantores de Nuremberg*, *O Anel de Nibelungo*, *Tristão e Isolda*, *Parsifal*. Gênio de rara inspiração,

modificou a concepção tradicional da ópera para vincular estreitamente a música à poesia e à dança, e obter um todo harmônico. Ele mesmo escrevia os libretos de suas músicas, inspirando-se, quase sempre, nas lendas nacionais da Alemanha. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, volume III.)

60 Alpestre: referente aos Alpes, sistema montanhoso da Europa ocidental e meridional; alpino. (N.T.)

61 No original francês lê-se *fusées musicales*. Porém, a palavra *fusée*, substantivo feminino, significa: o fio enrolado no fuso, foguete de pólvora, fuso de relógio e fusa, um dos sinais gráficos com os quais se escreve uma música na pauta musical, daí o acréscimo do termo *musicales*. Em nossa tradução, optamos por usar a expressão *notas* musicais em lugar de *fusas* musicais. (N.T.)

62 Pez: designação comum a substâncias betuminosas, sólidas ou semi-sólidas, naturais ou artificiais, resíduo da destilação de líquidos densos, de alcatrões, etc.; piche. (N.T.)

63 Trata-se da *Revista Espírita*, onde esses artigos foram publicados originalmente. (N.T.)

64 Tônica: primeira nota da gama, de um dado tom; aquela que começa um trecho de música e lhe dá seu nome. Ex.: *fá maior*. (N.T., segundo o *Dictionnaire Le Robert de la Langue Française*.)

65 Fonógrafo: antigo aparelho destinado a reproduzir sons gravados em cilindros ou discos metálicos; aparelho que reproduz os sons gravados em discos sob a forma de sulcos espiralados; gramofone. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

66 A esse respeito, citarei as palavras pronunciadas pelo Sr. Deslandres, diretor do Observatório de Meudon, em seu discurso na sessão anual do Instituto, no dia 25 de outubro de 1921: “Atualmente, as vibrações e ondas do éter, bem reconhecidas e

classificadas, formam cerca de 50 oitavas. O campo de estudo é muito mais extenso do que para os sons perceptíveis ao ouvido, que formam, no máximo, 10 oitavas, reduzidas a sete nos instrumentos de música. Essas 50 oitavas são repartidas em três grupos principais, que são: o grupo da radiotelegrafia, o grupo ligado à luz e o grupo dos raios X. Em geral, eles são classificados por ordem de freqüência, como em um grande piano. À esquerda, do lado das baixas freqüências e dos sons graves, estão as ondas da telegrafia sem fio, que asseguram as comunicações terrestres à grande distância. Ao centro, tem-se a oitava luminosa e as oitavas vizinhas que transportam calor e luz, que nos fazem conhecer o horizonte do local, o Sol e as estrelas, que impressionam as placas fotográficas e servem para depurar as águas. Enfim, à direita, do lado das altas freqüências e dos sons agudos, estão os raios X, que têm propriedades elétricas notáveis, que nos fazem descortinar as partes mais escondidas dos corpos vivos e a estrutura íntima dos átomos. Deve-se observar também que sobre essas 50 oitavas, só uma, colocada próxima ao meio, é percebida diretamente por um dos nossos sentidos: é a oitava que contém os raios luminosos do vermelho ao violeta." (N.A.)

67 Diapasão: pequeno instrumento metálico que dá uma nota constante, normalmente o *lá*, e que serve para se afinarem vozes e instrumentos por ele. (N.T.)

68 Platão: célebre filósofo grego (Atenas, 428 ou 429 - id., 348 ou 347 a.C.), discípulo de Sócrates, mestre de Aristóteles. Autor dos diálogos: *Criton*, *Fédon*, *Fedro*, *Górgias*, *O Banquete*, *A República*, *As Leis*, etc, em que dá a palavra a Sócrates. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)